

Fábio Augusto Lise

**CONTADORES DE HISTÓRIAS – OFICINAS SOBRE SEXUALIDADE COM
ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada à Universidade
do Vale do Rio dos Sinos como requisito
parcial para a obtenção do título de
Mestre em Saúde Coletiva.

ORIENTADOR: PROF^a. DR^a. STELA NAZARETH MENEGHEL

**São Leopoldo
2008**

Espaço destinado à folha de aprovação.

*A*gradeço primeiramente aos jovens que me confiaram suas histórias, pela sua força, perspicácia e coragem.

*A*gradeço também a todos, que mesmo sem perceber, contribuíram para a construção deste trabalho – meus familiares, amigos e professores – com seu conhecimento, amor, carinho e paciência.

*E*stá conquista é nossa!

*M*uito obrigado!

RESUMO:

Este trabalho analisa uma intervenção em educação em saúde realizada por meio de oficinas de contadores de histórias com um grupo de adolescentes atendidos em um programa sócio-educativo, em Porto Alegre. O objetivo foi problematizar a sexualidade, a partir da leitura e elaboração de histórias pelos jovens. A análise dos dados pautou-se nos estudos de Michel Foucault. Os jovens manifestaram dificuldade em se comprometer com a proposta, referindo-se a si mesmos como aqueles que não são capazes de apreender. Nas conversas e nas histórias construídas, eles falaram das violências presentes no cotidiano: a pobreza, a fome, a droga, a vida na rua, o tratamento desigual que recebem na instituição. Nos repertórios se mesclaram padrões tradicionais sobre sexo/gênero, traduzidos no desejo de namorar, casar, ter filhos, ao mesmo tempo em que usaram gírias e ironias em relação aos aspectos proibidos da sexualidade. Oficinas de histórias podem ser de valia nas práticas de educação em saúde como ferramentas para trabalhar com pessoas vulneráveis, inclusive adolescentes.

Palavras Chave: Oficinas de Histórias; Sexualidade; Adolescentes.

ABSTRACT:

This work analyses a public health intervention based on storytellers workshops with adolescents attended by a social and educative program in Porto Alegre city. The objective was to problematize sexuality, starting from story reading and elaboration by the teenagers. The data analysis was based on Michel Foucault studies. The teenagers expressed difficulties to establish a commitment with the proposal, referring themselves as the ones who are not capable of learning. Throughout the conversations and the stories constructions, they talked about the violent situations on daily life: the poverty, the hunger, the drugs, the street life, and the unequal treatment they receive at institution. The repertoires mixed traditional patterns related to sex/gender, translated in the desire for dating, getting married, having children and, at the same time, they used slang and ironies related to forbidden aspects of sexuality. Story workshops can be helpful as tools in educational health practices, in order to work with people who present vulnerability issues, including adolescents.

Key Words: Story workshops; Sexuality; Adolescents.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1: História em quadrinhos produzida no quarto encontro.	68
Figura 2: História “As crianças nas ruas”.	69
Figura 3: História “Meu Sonho”.	69
Figura 4: História “O Menino Bilu:”	70
Figura 5: Trabalho “Nunca vi um Play 2?”.	71
Figura 6: História “O menino que era magro e ficou gordo”.	72
Figura 7: Trabalho produzido no quarto encontro.	72
Figura 8: História “O Rap do Bom”.	73
Figura 9: Trabalho produzido no quarto encontro.	74
Figura 10: Trabalho “A Cidade Fantasma”.	74
Figura 11: História “A casa Imobiliada”.	75
Figura 12: “O Pênis”	85
Figura 13: “O Barco”.	85
Figura 14: “Arca de Noé”.	86
Figura 15: “O Boneco”.	86
Figura 16: “O Amor”.	87
Figura 17: “O Portal”	88
Figura 18: “A Pracinha”.	88
Figura 19: “A casa”.	89
Figura 20: “O Dado”	89
Figura 21: “Agente Jovem”	90

SUMÁRIO:

1 PROJETO DE PESQUISA:.....	8
1.1 Justificativa:.....	8
1.2 Objetivos	14
1.2.1 Objetivo Geral:	14
1.2.2 Objetivos Específicos:	14
1.3 Fundamentação teórica	15
1.3.1 A Sexualidade:	15
1.3.2 Corpo/Corporeidade:	20
1.3.3 Sexualidade na adolescência:	23
1.3.4 Vulnerabilidade:	26
1.4 Metodologia:.....	29
1.4.1 Aspectos Éticos:.....	32
1.5 Referências Bibliográficas:.....	33
1.6 Anexos:.....	36
1.6.1 Anexo 01: Termo Livre e Esclarecido e Autorização para o Uso de Imagem:	36
2 RELATÓRIO DE TRABALHO DE CAMPO:.....	38
2.1 Minha Experiência com Oficinas:	38
2.2 O Programa Agente Jovem:	40
2.3 Questões Éticas:.....	40
2.4 Negociando a Entrada e Entrando em Campo:.....	41
2.4.1 O Modulo Centro:.....	42
2.5 Oficinas de Sexualidade:	43
2.5.1 Primeiro Encontro – 19-07-2007	43
2.5.1.1 Transcrição dos Trabalhos Gráficos:.....	52
2.5.2 Segundo Encontro – 24-07-2007	54
2.5.3 Terceiro Encontro – 25-07-2007	55
2.5.4 Quarto Encontro – 26/07/2007	64
2.5.4.1 Trabalhos Gráficos Produzidos:	67
2.5.5 Quinto Encontro – 31/07/2007	75
2.5.6 Sexto Encontro – 02/08/2007	83
2.6 Análise do Processo:.....	91
2.7 Análise das Oficinas:	92
2.7.1 Contar Histórias:.....	92
2.7.2 A realidade nas Histórias:.....	93
2.7.3 Sexualidade:.....	97

2.7.4 Como os adolescentes se percebem?	100
2.7.5 O meio:	103
2.7.6 Avaliação:.....	104
3 ARTIGO:.....	Erro! Indicador não definido.

1 PROJETO DE PESQUISA:

1.1 Justificativa:

Um terço da população Mundial é constituído por jovens, na faixa etária da adolescência, ou o grupo entre 10 e 24 anos de idade (UNESCO, 2003). Estes dados demonstram que a magnitude deste contingente populacional por si só já justificaria a realização de estudos e pesquisas com adolescentes.

A Organização Mundial da Saúde (UNESCO, 2003) define a adolescência como um período de vida compreendido entre os 10 aos 20 anos, embora as várias teorias acerca da adolescência apontem que este período da vida tem se prolongando cada vez mais. Os estudiosos justificam essa postergação da idade adulta afirmando que esta fase é diferenciada para cada indivíduo e que ela envolve particularidades da construção do psiquismo tão complexas que é impossível limitá-la em uma faixa etária estreita. O Estatuto da Infância e Adolescência (AMARAL e FONSECA, 2006) de 1990, artigo 2º, considera adolescente para efeitos dessa Lei, as pessoas de doze a dezoito anos de idade. Para a área da saúde do adolescente do Ministério da Saúde consideram-se adolescentes, as pessoas de 10 a 14 anos de idade, adolescentes jovens os de 15 a 19 anos e adultos jovens dos 20 aos 24 anos de idade. Essas divergências na conceituação e limites etários sobre a adolescência têm sido

influenciadas pelas inúmeras mudanças sociais ocorridas na atualidade. Segundo Traverso-Yépez e Souza Pinheiro (2002) o termo juventude foi utilizado nas últimas décadas em referência a um prolongamento da adolescência, que em alguns países tem se estendido até os 29 anos, com os filhos permanecendo nas casas e a expensas dos pais (DUARTE-KUAPPER, 2001). Em países da América Latina estes limites etários começaram a ser questionados (FREITAS, ABRAMO e LEÓN, 2005). Para alguns, a adolescência iniciaria antes dos 10 anos em virtude do acesso das crianças a um mundo de informações disponibilizado pelos meios de comunicação e terminaria após os vinte anos, em decorrência das dificuldades dos jovens frente às responsabilidades financeiras, laborais e afetivas da vida adulta (BURAK, 2001). O Conselho Federal de Psicologia questiona se é possível considerar a adolescência como uma faixa etária específica, recomendando que a maturidade psíquica e autonomia orientem o ingresso dos sujeitos na vida adulta.

A adolescência fornece ao indivíduo elementos para lidar com as mudanças corporais, repensar a posição na sociedade, objetivos de vida e principalmente sua importância no mundo. É um período de transição engloba fatos, ações e mudanças diretamente ligadas à construção do sujeito.

A adolescência é um fenômeno originado na sociedade ocidental (CARVALHO, RODRIGUES e MEDRADO, 2005). Um conceito construído na virada do século XIX resultante do prolongamento da vida dos indivíduos propiciados pela chamada Revolução Vital, que estendeu a grande parte da população facilidades como saneamento, água potável, melhores salários, alimentação e habitação adequadas. As mudanças sociais consideradas para admitir indivíduos como adultos na sociedade forjaram a definição de “adolescência” como a conhecemos hoje, *“la juventud y la vejez no están dadas, sino que se construyen socialmente en la lucha entre jóvenes y viejos”* (BOURDIEU, 2000, p.164)

O adolescer vem acompanhado por mudanças físicas, emocionais e sociais. As mudanças físicas decorrem do crescimento do corpo que na puberdade começa a liberar hormônios sexuais responsáveis por mudanças corporais. O adolescente precisa conviver com impulsos que o invadem e que o levam a ter pensamentos que ele ainda não sabe lidar. Há o confronto com um corpo que parece não ser mais seu, um corpo que precisa ser descoberto e testado, o que instiga esse indivíduo a se colocar em situações nem sempre compreendidas pela sociedade. Esta mudança de condição social de criança para uma condição onde começa a vivenciar aspectos da vida adulta é intensa e, por vezes ansiogênica e dolorosa, envolve profundas modificações de conceitos, de visões e de formas de encarar o mundo.

Além disso, o adolescente precisa lidar com a sexualidade como forma de se relacionar com o mundo. A sexualidade é um dos mais complexos aspectos do ser humano, apesar disto continua sendo um tema de certo modo tabu, na medida em que quando tratado na sociedade possui zonas de silêncio e interdição (FOUCAULT, 1993, 1994). A educação sexual que deveria propiciar um espaço de reflexão sobre a sexualidade, um dos assuntos que mais mobilizam adolescentes (CZERESNIA, 1995; PARKER, 1997; SZWARCOWALD, 2000; VERMELHO, BARBOSA e NOGUEIRA 1999) é um assunto que muitas vezes as famílias delegam à escola, e as escolas se omitem de abordá-lo. Assim essa discussão é quase inexistente nas escolas e nos locais que se atrevem a fazer alguma orientação sexual, os temas são tratados de modo temeroso, utilizando-se de discursos prontos e medicalizados (GIAMI, 2005). Ou seja, a sexualidade é reduzida à relação sexual, ao processo biológico, desconsideram-se os sentimentos envolvidos, a afetividade e os aspectos sociais. Os adolescentes, na maioria das situações, são somente instruídos de como devem se proteger contra a gravidez indesejada e a contaminação por Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Os jovens precisam se apropriar de seu corpo e de sua sexualidade, ou seja, construir suas identidades e subjetividades, onde a sexualidade é fundamental e constituinte da

integralidade do ser humano. A discussão da sexualidade não precisa ficar pautada apenas no biológico, na relação sexual, na reprodução humana e nas doenças sexualmente transmissíveis (CARVALHO, RODRIGUES, e MEDRADO 2005).

Devido ao fato de perceber a sociedade de modo crítico e contestador, os adolescentes, muitas vezes não são bem vistos ou acolhidos pelos adultos. Esta falta de compreensão leva o jovem a procurar novas referências sociais e pessoas que possam perceber suas dores, dúvidas e questionamentos. Esta referência geralmente está em outros adolescentes que por se encontrarem na mesma condição proporcionam empatia e acolhimento no “grupo de iguais”. A procura por estes grupos de iguais é importante e indispensável e fornece os elementos necessários para enfrentar o que alguns autores chamam de “crise” da adolescência. Porém, estes grupos não possuem a maturidade e vivência para compreender a crise e agir de modo continente, podendo muitas vezes se colocar em situações de risco e de vulnerabilidade.

A sexualidade para os adolescentes pode tornar-se mais um fator de vulnerabilidade, expondo-os a eventos indesejados como as DSTs, gravidez e sofrimento psíquico (CARVALHO, RODRIGUES, e MEDRADO 2005). Este fato decorre da dificuldade que os grupos sociais apresentam para lidar com a sexualidade, com o corpo e as diferenças de gênero. Em decorrência, os repertórios que os adolescentes usam para falar sobre estes temas estão eivados de crenças, estereótipos e tabus. Desta forma, o adolescente, um sujeito passando por uma fase de transição de extrema complexidade, sofrendo mudanças corporais que lhe produzem impulsos que ele não sabe administrar, não recebe os esclarecimentos e a continência para lidar com estes fatos. Não é por acaso que recentes dados, mostram que metade da incidência da infecção pelo vírus HIV se encontra em adolescentes (JEOLÁS et al., 2005).

Ser vulnerável, no contexto da infecção pelo HIV ou outras DST, significa ter pouco ou nenhum controle sobre o risco de se infectar; e para aqueles já infectados ou afetados, ter pouco ou nenhum acesso à assistência e ao tratamento adequado. A

vulnerabilidade pode ser influenciada por diversos fatores pessoais, sociais e programáticos (UNESCO 2003, p. 79)

Os adolescentes não recebem educação sobre a sexualidade nas famílias, que terceirizam esta função para a escola. A escola por sua vez sente-se despreparada e temerosa para abordar este tema. Eles também apresentam dificuldade de acessar os serviços de saúde que poderiam fornecer informações referentes ao seu autocuidado (UNESCO, 2003). Essa lacuna faz com que os jovens constituam um grupo relevante para intervenções com base educativa, importantes do ponto de vista da saúde individual e coletiva.

A epidemia de HIV/AIDS trouxe à tona um problema de saúde coletiva e de educação: como trabalhar um tema tão carregado de conotações de caráter antagônico (sexo pode ser algo bom e, ao mesmo tempo ruim) e enraizado nos aspectos socioculturais “tabus”, como a sexualidade? Segundo informações da (UNESCO, 2003), eleger como prioritária a população de jovens e compreender como estes se relacionam e constroem conhecimentos sobre a sexualidade visando prevenir a contaminação pelo vírus HIV é uma das estratégias brasileiras a ser elencada para enfrentamento desta epidemia.

Acreditamos que a adolescência é principalmente um momento em que o jovem encontra-se em uma “*situação de aprendizagem*”, estando extremamente mobilizado a construir novos conceitos a estruturar novas formas de ver o mundo e a si mesmo (CAMARGO e BOTELHO, 2007). O adolescente confronta valores sociais, questiona instituições sociais e desconstrói preconceitos e estigmas. Desta maneira, entende-se que os jovens são considerados pelas agências mundiais de saúde como um público prioritário em educação em saúde.

Entendemos atividades educativas de modo participativo, pautado nas pressuposições de Paulo Freire (1996). Assim, podemos partir da curiosidade natural do adolescente e junto

com os jovens problematizar o mundo, construindo referências coletivas sobre o corpo, a sexualidade e a vida afetiva.

Ao pensar o processo de construção de conhecimento na adolescência é necessário saber como os jovens percebem e vivenciam sua realidade e sua sexualidade. É preciso compreender a riqueza das diferenças individuais, a diversidade cultural e as maneiras como a sexualidade é encarada, entendida e vivenciada pelos jovens.

Como trabalhador da saúde mental coletiva não posso deixar de acreditar que educação em saúde seja um das ações de Saúde Coletiva que deve ser mais incentivada pelas Políticas Públicas. Porém, para que as ações de educação em saúde sejam efetivas, para que realmente atinjam seus objetivos, o sujeito da aprendizagem não pode ser considerado como um objeto que vai receber conhecimento passivamente. A educação em saúde é um processo coletivo, em que educadores e educandos se apropriam, constroem e produzem conhecimento em relações horizontais.

Ao longo de minha vida profissional, trabalhando com adolescentes de baixa renda, pude observar o quanto as formas usuais de educação em saúde não atingem este público. E principalmente, o quanto às concepções e formas de ver o mundo dos trabalhadores de saúde, que pertencem a outro estrato social, representam muito pouco para estes jovens. Impor uma forma de ver o mundo e de se relacionar com ele significa manter a incomunicabilidade entre profissionais de saúde e usuários de serviços e continuar a realizar ações de educação em saúde em moldes compartimentalizados, autoritários e pautados na transmissão de conhecimentos.

Tenho percebido o quanto falta a nós, profissionais de saúde, ferramentas que contribuam para a mobilização dos adolescentes e a mudança de práticas de saúde. O educador de saúde é um agente de transformação social e não pode desconsiderar as múltiplas formas de aprender, os valores e a importância dos saberes que estes adolescentes já possuem.

O educador em saúde não deve se frustrar com as desistências, com as palavras duras, com a apatia, entendendo que estes sentimentos precisam ser manifestos. Precisa saber que, muitas vezes, precisará mudar de caminhos e deixar-se guiar pelo grupo, estar disponível para orientar quando necessário e não orientar algumas vezes. Antes de ensinar, aprender e compreender como o grupo aprende.

Esta pesquisa utilizará a ferramenta contar histórias em oficinas sobre sexualidade, gênero e vulnerabilidades, acreditando que o contar histórias possibilita construir identidades e agenciar subjetividades (BENJAMIM, 1980; GARAY e IÑIGUEZ, 2005; IÑIGUEZ, 2004; MENEGHEL e IÑIGUEZ, 2006; SAWAIA, 2000). Além disso, acreditamos que contar histórias pode se constituir em um dispositivo de resistência para enfrentar as vulnerabilidades, incluindo as relacionadas com a sexualidade humana.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral:

Organizar oficinas de contadores de histórias para trabalhar sexualidade com adolescentes.

1.2.2 Objetivos Específicos:

- Identificar os sentidos que os adolescentes dão para a sexualidade;
- Estimular o uso das histórias como ferramenta de empoderamento de adolescentes.

1.3 Fundamentação teórica

1.3.1 A Sexualidade:

A sexualidade compreende as dimensões biológica, psicológica e social, é construída histórica e culturalmente e plurideterminada (CARVALHO, RODRIGUES, e MEDRADO, 2005). Na sociedade ocidental, a sexualidade fez parte da disciplinarização dos corpos, realizada por meio do projeto médico higienista. Michel Foucault foi um dos autores que se preocupou em entender os mecanismos e relações que constituíram a sexualidade na sociedade. Em seus estudos, utilizou dois métodos de investigação e pesquisa - o método arqueológico e o genealógico. O primeiro deles procurou compreender as regras discursivas da constituição do saber, ou seja, analisa a posição e os enunciados do sujeito do conhecimento. Ao usar este método, procurou saber quem somos nós hoje, porque enunciamos um determinado discurso e realizamos/idealizamos determinadas práticas em relação à sexualidade.

Foucault evidenciou estruturas conceituais que determinam as articulações entre o poder e o saber visando exercer controle (MENDONÇA, 2005). Desta maneira, somos controlados e normalizados por múltiplos processos de poder, que constituem verdadeiros esquemas de dominação. Nesta concepção a sexualidade é um dos “*dispositivos históricos*” onde uma variedade significativa de discursos e relações sociais está entrelaçada (MEDEIROS, 2000). Para Foucault, os dispositivos são de natureza estratégica, sendo desta maneira uma manipulação das relações de força com a finalidade de definir uma direção concreta de pensamento e bloquear outras. O dispositivo se constitui de redes estabelecidas entre: discursos, instituições, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas e ainda entre o dito e o não dito gerando um conjunto de resultados heterogêneos de uso social.

Para Foucault a partir dos séculos XVI e XVII aconteceu na sociedade ocidental uma multiplicação de discursos sobre o sexo, com o objetivo de ocultar a sexualidade, ou melhor, traçar os limites do que poderia e não poderia ser dito e para quem. Existiu um projeto de iluminação (em tese a sexualidade foi trazida à luz, ou seja, começou a tornar-se objeto de estudo das ciências) de todos os aspectos relacionados ao sexo. Foi definido o vocabulário permitido para se referir ao sexo, assim como onde e quando se poderia falar dele. Foram criadas regiões de silêncio ou de discricção entre pais e filhos, educadores e alunos, patrões e serviçais. Instaura-se, assim, um mecanismo que, ao propagar os discursos sobre o sexo, tem por objetivo construir verdades sobre ele.

Muitos foram os motivos para se regular o sexo. Entre eles se encontra o aumento da população mundial resultando em problemas econômicos e políticos. Dessa maneira, foi necessário exercer um controle sobre as taxas de natalidade, retardar a idade do casamento, diminuir a precocidade e a frequência das relações sexuais. Estabeleceu-se uma relação entre economia e forma como as pessoas usavam o sexo e a sexualidade, e uma verdade sobre ele foi gerada objetivando produzir uma sexualidade com utilidade econômica. A família burguesa respeita os mecanismos de poder, contribuindo para as manobras de controle de natalidade, *“para as incitações problemáticas, para a medicalização do sexo e a psiquiatrização das formas genitais”* (FOUCAULT, 1993).

As ciências médicas do sexo se associam com a biologia (evolucionista) da reprodução. Essa associação do discurso sobre o sexo com o discurso científico deu a ele maior legitimidade. O discurso médico, sob uma aura de neutralidade científica, produz crescentemente verdades sobre o sexo. Porém estes discursos estavam ligados a uma moral do controle da sexualidade e da conexão entre o “patológico” e o “pecaminoso”.

Foucault distingue quatro conjuntos estratégicos de dispositivos específicos de saber e poder, reforçados pelo discurso científico sobre o sexo; esses discursos foram sendo

arranjados paulatinamente, mas foram adquirindo características de esquemas de dominação no decorrer da história da sexualidade.

O primeiro destes dispositivos expressos por Foucault (1993) é a *“Histerização do Corpo da Mulher”*. Reduz a sexualidade feminina a uma sexualidade frágil e patológica – a histerização- tornando o corpo feminino um objeto do saber e da atuação da medicina. Além disto, a mulher adquire um novo papel social, o de transmissão das relações de poder veiculando a disciplina e os preceitos médicos dentro dos lares e fortalecendo a verdade criada. Ou seja, as mulheres passaram a educar os filhos e filhas segundo o discurso médico-científico, tornando-se agentes de propagação das verdades médicas e da higienização dos lares.

Outro dispositivo foi a *“Pedagogização do Sexo das Crianças”* (FOUCAULT, 1993). Neste caso a sexualidade foi transformada em sexualização. O medo da masturbação, associada a patologias, induz a uma extrema vigilância familiar e escolar, constituindo uma nova rede de relações interfamiliares pautada na disciplinarização da vida escolar e doméstica. Foucault ao se referir aos colégios do século XVIII diz que embora se tenha a impressão que neles não se falasse em sexo ou que o sexo era reprimido, a organização dos espaços e os temas tratados em sala de aula, estavam marcados pelo medo de uma “danosa sexualidade infantil”. O receio era a liberação da sexualidade que teoricamente poderia ser prejudicial à sociedade, significando a liberação de energias a serem canalizadas para o trabalho.

O terceiro deles foi a *“Socialização das Condutas Procriadoras”* (FOUCAULT, 1993). Nesse caso, as manifestações da sexualidade ficaram reduzidas às relações sexuais monogâmicas, objetivando a procriação. O discurso afirma que todo o sexo deve ter função reprodutora, permitindo espaço apenas para uma sexualidade heterossexual, adulta, entre pessoas com vínculos formalmente conjugais, desconsiderando totalmente qualquer outra forma de sexualidade. O século XIX construiu um discurso científico sobre a sexualidade e

silenciou quaisquer formas de expressão da sexualidade que não as aceitas pelas instâncias de controle.

O último destes dispositivos expressados por (FOUCAULT, 1993) foi a “*Psiquiatrização do Prazer Perverso*”. As verdades sobre a sexualidade impunham que as expressões de sexualidade não usuais fossem patologizadas e transformadas em desviantes, a serem evitadas e os praticantes trancafiados em instituições totais. Dessa forma, começou a se estruturar uma tipologização dos atos passíveis de diagnósticos catalogados como distúrbios, cujo destino era o isolamento em manicômios. Essa sexualidade foi assumida como ilegítima podendo ser exercida somente em lugares como casas de prostituição, onde além de lucro poderiam dar vazão aos prazeres de uma crescente força de trabalho que precisava ser controlada.

A preocupação sobre o sexo materializa quatro figuras ou *objetos privilegiados do saber: a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal e adulto perverso* (FOUCAULT, 1993). São figuras que apontam verdades sobre a sexualidade das pessoas, concebidas pelo saber científico e resultantes dos quatro dispositivos descritos acima. Dispositivos que ainda atuam na sociedade atual.

Os saberes sobre sexo foram formulados de modo conjunto entre o aparelho médico e o jurídico e tiveram expressão na forma de pares de opostos, em uma articulação binária: “*o lícito e o ilícito, o permitido e o proibido*” (FOUCAULT, 1993), podendo-se acrescentar “*o perverso e o saudável*” e assim por diante. A expressão do poder manifesta-se na “*função do legislador*”, aquele que faz a lei, que decide o que é permitido, tornando o modo de ação do sexo um processo com forma “*jurídico-discursiva*” (FOUCAULT, 1993). O poder constitui as relações sexuais como uma “*ordem*” que se articula na relação com a lei e gera a regra, apresenta o sexo usando a linguagem através do discurso, certifica o correto e determina a verdade.

A sexualidade então é construída através de um sistema de verdades polarizadas entre as condutas socialmente aceitas e as excluídas, entre o “*discurso do dominante e do dominado*” (FOUCAULT, 1993), sendo formada por uma grande variedade de elementos discursivos que atua nas diferentes estratégias de construção de verdades. Ou ainda, o mesmo dispositivo do discurso que gera o lícito define o que é ilícito, define o que pode ser pensado e falado sobre a sexualidade e o que não se deve mencionar por não ser correto. Foucault fala de uma carga ocasionada pelas “*coisas ditas*” e pelas “*coisas não ditas e ocultas*”, os enunciados que possuem efeitos diferentes, liberando e proibindo, e constituindo normas que catalogam os fazeres em relação à sexualidade. Desta maneira, a ordem da sexualidade é construída através do poder que impõem aquele que fala, o que tem o direito de saber e quem será mantido na ignorância e no silêncio.

Um dos dispositivos que colaboram, e talvez ainda colabore, para estabelecer uma norma sobre o assunto é a repressão da sexualidade. Essa elaboração teve início com o advento do capitalismo, a instauração do biopoder, o controle dos corpos e a economia do desejo. Na verdade, a sexualidade não foi reprimida ou pelos menos não de uma forma tão destrutiva quanto descrita. A sexualidade foi normalizada e manipulada para que se tornasse mais um dispositivo de controle, e este discurso contribui para isto. Foucault denomina este discurso sobre a repressão da sexualidade de “*Hipótese Repressiva*”, que é a gênese de posturas frente à sexualidade no século XVII.

No século XIX esse projeto até então da alçada da medicina, passa a fazer parte do projeto científico, comprometido com o evolucionismo e com os racismos oficiais tornando-se o que Foucault chamou de *Scientia Sexualis*. Um poder expresso pelas instituições normalizadoras (Igreja, Estado, Escola, Família) na forma de paradigma de uma verdade e centrado no modelo jurídico. Objetivava o controle, tinha como raiz o rito da confissão, transportada da igreja para uma pedagogia médica que influenciou as relações familiares.

Segundo (FOUCAULT, 1993), a sociedade se inclinou a solicitar e a ouvir a própria confiança dos prazeres individuais. Desta forma, um novo prazer surgiu baseado no prazer de contar e ouvir e na crença que a sexualidade inevitavelmente resultaria em algo ruim. O sexo seria causador de patologias, mas a cura poderia ser alcançada quando tudo fosse dito a tempo e a quem é devido.

Opõem-se a este conceito o de “*ars erótica*” definido por Foucault como a curiosidade natural, uma vontade de saber sobre as formas de ampliar o prazer (FOUCAULT, 1993). Refere-se a uma sexualidade não danosa, mas integrante e necessária à constituição humana. Um produto do encadeamento da estimulação dos corpos, da intensificação dos prazeres, da incitação ao discurso, da formação dos conhecimentos, do reforço dos controles e das resistências.

Em resumo, falar de sexualidade para Foucault é seguir três eixos que a constituem: a formação dos saberes que a ela se referem; os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade.

1.3.2 Corpo/Corporeidade:

Para operar com o conceito de sexualidade precisamos abordar sua base material, o corpo. O corpo recebe influência das elaborações construídas no tempo e na cultura, portanto tem uma historicidade (MACHADO, 1979). Assim, é preciso compreender a influência dos discursos sobre os corpos dos indivíduos, pois eles acabam se tornando mecanismos de controle, de dominação/submissão; corpos dóceis úteis para a normalização de condutas.

O corpo torna-se o elemento onde várias correlações de força atuam e se dispõem, atravessando-o e exercendo sobre ele uma série de conformações, parte de relações de dominação que perpassam a sociedade. Isso transfere a problemática da relação para a problemática da carne, ou seja, do corpo, da sensação, da natureza, do prazer, dos movimentos mais secretos, através de normas de exame de si mesmo (SILVEIRA e FURLAN, 2003).

A corporeidade passa então a ser o *elemento de visibilidade* de tais confrontos no seu efeito acumulativo histórico ou nas suas conformações presentes, onde a doença do momento presente imediatamente materializa estes conflitos; ou sua antevisão prospectiva - em termos de antecipação de novas movimentações futuras, propiciadoras de novas colocações estratégicas dos corpos e das almas, efetuada pelo efeito de conjunto de tais embates, em toda a rede social, seja no sentido de afirmação da submissão a certo tipo de dominação, seja no sentido de resistência a tais forças (FOUCAULT, 1995).

Do ponto de vista estratégico das forças de saber e de poder, corpo e alma são diferenciados para Foucault, embora a alma se mostre um mecanismo de acesso ao corpo (SILVEIRA e FURLAN, 2003).

O corpo é formado/reformado pela *história* e articulado pelos muitos contextos discursivos - os elementos integrantes de múltiplas fontes de subjetivação - é preciso associá-los ao processo de constituição da identidade histórica do indivíduo (FOUCAULT, 1995). No corpo está presente a marca dos acontecimentos do passado, da mesma maneira que dele criam-se os desejos, os desfalecimentos e os erros; sendo este o local onde eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desprendem e lutam, se desgastam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (MACHADO, 1979).

Foucault compreendeu o corpo normalizado pelos poderes e pelos saberes, constituído e constituinte do processo de subjetivação do homem moderno (SILVEIRA e FURLAN,

2003). Nessa medida, o poder disciplina o sujeito até mesmo através de seu corpo, sendo que este fica marcado em razão dos processos históricos, mas por outro lado, ele também é agente dos processos de subjetivação.

A corporeidade dos sujeitos tornou-se o principal ponto onde um sistema complexo de lutas e de confrontos atua no processo de produção de poder (SILVEIRA e FURLAN, 2003). A corporeidade amplia o olhar para outros elementos além do corpo e da sexualidade incluindo dispositivos de controle, de poder e de violência.

Foucault (1993) questionou o quanto à sexualidade e o corpo são contidos, velados e interditados, concepções que se mantêm atuais. Para trabalhar com o tema do corpo e da sexualidade precisamos entender como esse tema e as interdições que o penetram foram socialmente construídas atendendo objetivos socioeconômicos.

Temos que considerar que a construção da sexualidade integrou e ainda constitui um dispositivo de poder. Um dos discursos que mantém a generificação dos seres humanos em sociedade é a concepção essencialista de sexualidade, que atribui a homens e mulheres um rol do que são as características esperadas do que é ser homem e ser mulher. Segundo (JEOLÁS et al., 2005) entre as dificuldades encontradas no trabalho com sexualidade com adolescentes, a questão de gênero ou a relação hierárquica existente nas relações sociais entre homens e mulheres tem grande importância. Neles está presente o discurso da passividade da mulher nos assuntos relacionados a sexo. Trabalhar com gênero pressupõe a desnaturalização das relações entre homens e mulheres e o entendimento de que a identidade sexual é construída histórica e socialmente. Gênero é um modo primordial de significar relações de poder, representa uma recusa ao essencialismo biológico e à hierarquia sexista. Além disso, coloca em pauta o aspecto relacional entre homens e mulheres e rompe com a postura de vitimização considerando que as violências praticadas contra a mulher estão baseadas nas desigualdades sociais (MENEGHEL e IÑIGUEZ, 2007). A violência simbólica naturaliza as relações

desiguais de poder e é exercida pelos que se apossam do direito de intimidar e controlar (BOURDIEU, 2002). Dentro da família as desigualdades produzidas por gênero e idade são as principais determinantes das relações violentas que aí se constituem, mostrando a face adultocêntrica e misógina do poder (SCOTT, 1990; SAFFIOTTI, 1999).

1.3.3 Sexualidade na adolescência:

Mudanças sociais significativas influenciaram a concepção de adolescência nos últimos tempos, geradas por fatores como alteração no modelo de família e avanços nas concepções de gênero obtidos pelo movimento das mulheres, incluindo direitos reprodutivos. Além disso, a precarização do trabalho provocou uma elevação na exigência de capacitação profissional e aumentou o período de dependência dos filhos em relação aos pais, embora este alargamento do período de adolescência não seja empecilho para o *exercício da sexualidade e da autonomia* do adolescente. Hoje cada vez mais a autonomia constitui o “*percurso biográfico do adolescente*” e essas características sociais da adolescência configuram as atuais relações intergeracionais familiares (BRANDÃO e HEILBORN, 2006).

A sexualidade neste contexto é um dos aspectos que auxilia o alcance da autonomia pelo jovem. E funciona como mediadora de todo o relacionamento em sociedade, já que ela une formas de exercitar a autonomia pessoal e os contatos afetivo-sexuais sem vinculações ao casamento, ou seja, mais direcionado ao crescimento pessoal.

O aprendizado da sexualidade auxilia na constituição de um domínio próprio do adolescente que lhe permite consolidar uma identidade de gênero. E esta aquisição de conhecimento relacional, orientado pela lógica de gênero, requer habilidade de negociação com

o parceiro. Ou seja, uma das mais importantes formas de individualização é conseguida com o estabelecimento de vínculos afetivo-sexuais.

Na atualidade, é possível perceber mudanças no comportamento sexual dos adolescentes, cuja iniciação sexual está se fazendo em etapas mais precoces. Mesmo assim, a sexualidade ainda está repleta de discursos normatizadores. No que tange à adolescência, geralmente a sexualidade é abordada somente sob o aspecto biológico e reprodutivo sendo totalmente medicalizada (AMARAL e FONSECA, 2006). A sexualidade é um produto das relações humanas e segundo autores como (JEOLÁS et al., 2005), a abordagem construtivista em que a sexualidade é contextualizada culturalmente pode trazer aportes à discussão com jovens.

Na adolescência, a sexualidade tem algo de inovador, experimental, transgressor, que implica no rompimento de imposições hierárquicas, religiosas, de preconceitos de gênero, entre outras. Talvez seja por isso que automaticamente incita nas instituições (escola, igreja, família) e em alguns de seus representantes, os adultos, uma ação de controle e normalização.

Outra questão importante diz respeito aos padrões culturais de masculinidade e feminilidade. Os processos por meio dos quais a criança pensa em si mesma como pertencente ao gênero masculino ou feminino são culturais, e muitas vezes certos padrões são naturalizados. As diferenças orgânicas que indicam o gênero são modeladas pela cultura englobando-se aí um conjunto de símbolos, valores e práticas que definem o que é ser homem ou mulher em uma dada sociedade. Bourdieu (2000) ressalta a extraordinária autonomia das estruturas sexuais em relação às estruturas econômicas, o mesmo esquema classificatório que ultrapassa os séculos e as diferenças econômicas e sociais que faz com que os comportamentos sejam iguais nos dois extremos: entre camponeses iletrados e a alta burguesia européia. Como explicar a permanência da visão androcêntrica do mundo ao longo do tempo e em situações tão diversas pergunta-se o sociólogo, levando quase a pensar em

uma essência natural, se não se soubesse que o eterno em história é sempre o produto de um trabalho de (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina.

Brandão e Heilborn (2006) verificaram que a iniciação sexual dos jovens não ocorre somente na primeira relação sexual, ela percorre um caminho que inclui “carícias íntimas, desvelamento gradativo do próprio corpo e do corpo do parceiro, descoberta de sensações e sentimentos novos”. Ou seja, o aprendizado da sexualidade, pelo menos nos entrevistados, se faz de forma gradual orientado pelo prazer, pela “*dimensão lúdica e erótica da sexualidade e pela interiorização dos constrangimentos parentais e sociais*” principalmente relacionados ao gênero. Na mesma pesquisa Brandão e Heilborn (2006) constataram que os pais da maioria dos entrevistados sabiam da atividade sexual dos filhos. Uma minoria não revelará aos pais para evitar o controle parental. Outra constatação foi que maioria dos entrevistados teve a primeira relação sexual com parceiro fixo. Todos os entrevistados relataram conhecer os métodos contraceptivos, porém assim mesmo a concepção aconteceu. Acredita-se que o controle da contracepção na adolescência é gradativo, similar a iniciação sexual. Os pesquisadores concluíram que conhecer os métodos contraceptivos não significa ter domínio sobre eles. Ou seja, o conhecimento das regras sociais orientam os relacionamentos sociais incluindo os afetivo-sexuais, apontam para uma necessidade de trabalhar a sexualidade de forma mais ampla, de forma a ajudar o jovem a construir sua autonomia (BRANDÃO e HEILBORN, 2006).

A modernidade e as mudanças que aconteceram em relação ao trabalho, família e gênero resultaram em mudanças nas regras de relacionamento afetivo-sexual dos adolescentes. Os jovens hoje possuem vida sexual, com o conhecimento e aprovação da família (BRANDÃO e HEILBORN, 2006).

Calazans (2006) percebeu entre jovens um discurso de que a sexualidade só poderia ser exercida pelos adultos e concluiu que as adolescentes do sexo feminino utilizam-se da gravidez como uma forma de se incluírem na vida adulta.

Outros pesquisadores constataram dificuldade tanto dos pais como dos adolescentes de falar sobre a sexualidade. Além disto, para os adolescentes mais jovens não falar sobre sexualidade com seus pais é até confortável. As explicações para este fato provem do medo de que os pais possam reprimi-los ou ainda que as informações sobre suas práticas sexuais fiquem expostas. Muitos adolescentes acreditam que seus pais não estão preparados para falar sobre estes assuntos (AMARAL e FONSECA, 2006).

A família e a escola são instituições socializadoras e veiculadoras de ideologias. Em ambas as instituições, ocorre à transmissão de discursos sobre as diferenças sexuais que vão sendo estabelecidos, reforçados e reproduzidos de modo estereotipado. Os padrões estabelecidos pela cultura como atributos próprios de homens e mulheres constituem de certa forma um mecanismo que reforça a repressão sexual. É preciso reconhecer que a repressão encontra-se associada a regras social e culturalmente impostas em um determinado momento histórico e significam uma normalização que atende às expectativas da sociedade (MAIA, MAIA, e FACHINI, 2004).

1.3.4 Vulnerabilidade:

Ao trabalhar com sexualidade e DST/AIDS não podemos deixar de lado a categoria vulnerabilidade, que foi incorporada ao campo da saúde a partir da experiência com a epidemia de AIDS, ou seja, a noção de vulnerabilidade em saúde teve como marco inicial o debate centrado em torno da AIDS. Podemos dizer que no trajeto da epidemia apareceram vários conceitos ferramenta. O primeiro deles foi à noção de *risco*, amplamente utilizada pela

epidemiologia, seguida da categoria *grupos de risco*. A utilização do conceito de grupo e comportamento de risco acarretou preconceitos, discriminações e exclusão. A mudança do perfil epidemiológico da AIDS na população, com a inclusão crescente do sexo feminino e a pauperização da doença, exigiu um debate com novo dimensionamento e remeteu a um novo conceito: o de vulnerabilidade. O termo provém da área dos Direitos Humanos e começou a ser difundido mais fortemente no campo da saúde a partir da compreensão de que os conceitos epidemiológicos de grupo de risco e comportamento de risco não conseguiram alcançar respostas para a evolução da epidemia (AYRES, CALAZANS e SALETTI FILHO, 1999; FEIJÓ e ASSIS, 2004; KOWARICK, 2003).

Termo polissêmico e ainda sujeito a controvérsias, a vulnerabilidade possibilitou uma ampliação de horizontes, extrapolando as tradicionais abordagens comportamentalistas das estratégias individuais de redução de risco. No texto inicial de Mann e colaboradores, sobre a AIDS no mundo, foram definidos três planos interdependentes para identificar a vulnerabilidade individual e coletiva ao adoecimento: as vulnerabilidades individual, social e programática. A vulnerabilidade foi considerada o contrário de empoderamento, conceito advindo de empowerment, que significa outorga de poder, aquisição de poder ou conquista de poder, resultante do jogo e forças que se estabelecem entre recursos culturais, políticos, econômicos e jurídicos.

Em relação à vulnerabilidade social, os índices adotados pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD) fornecem uma série de indicadores que permitem classificar os países segundo grau de fragilidade social. O caminho seguido pelos estudiosos da AIDS é a ênfase nos direitos humanos como fonte de critérios para avaliar as diversas situações. Este aporte tem a vantagem de vincular o problema da AIDS, ou qualquer outro que viermos a tratar no campo da saúde, as suas raízes sociais mais profundas, estimular

as pessoas para a transformação da realidade, favorecer a transdisciplinaridade e a intersetorialidade.

Embora o conceito de vulnerabilidade ainda seja pouco usado, ele aponta para múltiplas direções teóricas e práticas. Dentre suas vantagens, Ayres (1999) identifica:

- a operacionalização do conceito de vulnerabilidade implica em privilegiar como unidade analítica o nível coletivo, por meio da preocupação com um social perspectivado nos direitos universais;
- vulnerabilidade é uma categoria ético-filosófica – um valor de fundo que orienta a produção e interpretação de dados empíricos, fugindo do enfoque pragmático de risco;
- os horizontes práticos destes estudos possuem natureza político-cultural, na forma de crítica das práticas, ao invés da defesa de prerrogativas que norteia outros tipos de investigação.

Uma das maiores riquezas do uso do conceito de vulnerabilidade significa a mudança do enfoque do individual para o coletivo. Além disso, vulnerabilidade está articulada às noções de empoderamento, justiça social, e equidade. Além destes, dois novos conceitos oriundos do campo dos Direitos Humanos foram introduzidos: o de *connectedness* (agir localmente, pensar globalmente) e *entitlement* (que significa a preservação dos direitos individuais por meio da autonomia e competência pessoal).

Em síntese, a discussão sobre vulnerabilidade retira o foco da doença e o redireciona ao adoecimento; propõe avaliações mais sensíveis ao modo de viver das pessoas do que em padrões técnicos; inventa estratégias e ações mais abertas à dinamicidade e complexidade das experiências locais e busca novos parceiros, mesmo sem prescindir do aparato institucional.

1.4 Metodologia:

A Pesquisa Qualitativa é um tipo de investigação que percebe a realidade como algo dinâmico; valoriza as interações sociais, os sentimentos e as emoções dos sujeitos da pesquisa. Esta metodologia procura compreender os indivíduos como seres significados pela cultura e interagindo socialmente. Entende o social como um sistema interligado com outros inúmeros sistemas que se influenciam mutuamente, construindo a cada momento um novo social ou uma nova forma de conviver com ele.

Na perspectiva qualitativa não é possível transformar observações, conceitos e interações em valores e nem classificá-los em categorias. É preciso compreender a realidade levando em consideração as relações e interações.

Os estudos qualitativos (TAYLOR e BOGDAN, 1996), são tipos criteriosos de investigação de extrema importância. Eles surgiram procurando atender a necessidade de aprofundar a compreensão de determinados fenômenos, que os outros métodos não são capazes de fornecer.

Este projeto procura, através de oficinas de contadores de histórias, desafiar os adolescentes para que estes venham a discutir questões referentes à sexualidade e com isto possam achar/chegar as suas próprias conclusões sobre o assunto. Acredita-se que a técnica de oficinas de histórias, já experimentada em outros grupos, permitirá a construção coletiva de conhecimentos sobre sexualidade e saúde.

Entendemos oficinas como um espaço de construção que pode reunir aspectos pedagógicos e terapêuticos (CARVALHO, RODRIGUES e MEDRADO, 2005). Além disto, visa à construção de conhecimentos, é um lugar privilegiado onde pode se realizar análises psicossociais, onde pode ocorrer a elaboração coletiva de conhecimentos utilizando e reunindo vivências e afetos. As oficinas podem ser organizadas a partir das demandas vindas

do grupo; essas necessidades são percebidas de várias formas, através de resistências e de fatos, a incidência de AIDS em adolescentes pode ser pensada como uma destas demonstrações.

O procedimento inicial das oficinas consiste em lançar um desafio ao grupo através de uma narração ou conto que trate direta ou indiretamente do tema sexualidade. E deixar que o grupo direcione a discussão e construa seu próprio conhecimento sobre o assunto. O pesquisador será ativo na conversa quando sua participação for solicitada. Se o grupo julgar apropriado, poder-se-á construir uma história ou narração estruturando as conclusões e apropriações do grupo. Para envolver os adolescentes na atividade de confecção de uma história, esta poderá ser em quadrinhos ou utilizar personagens de seu universo.

Entendemos as narrativas como uma forma de expressar os sentidos atribuídos pelos adolescentes a suas experiências do dia-a-dia e também de entender os esquemas interpretativos sobre sexualidade. Além disso, o ato de narrar promove o repensar de vivências e sentimentos, ordena o passado, o presente e o futuro, e confronta conceitos veiculados como naturais ou essenciais. Acredita-se que através das histórias os adolescentes poderão elaborar seus conceitos, compreendem melhor “os porquês” não questionados, pois eles são necessários na organização da narrativa. Construir narrativas, então, já se constitui em um ato de aprendizado e um questionamento de conceitos (LIRA, CATRIB e NATIONS, 2003).

Nas narrativas os significados não estão nem no texto, nem no autor, mas na relação que se estabelece entre eles. Diversas formas de comunicação constituem a narrativa e é necessário compreender as relações dialógicas entre a verbalização, os gestos, às expressões e principalmente entre o dito e o não dito. As histórias precisarão ser analisadas em seu contexto percebidas de modo integral, sem segmentações entre perguntas e respostas (CAPRARA, CASTRO e VERAS, 2005).

Nas narrativas o enredo tem um papel crucial é nele que os fatos devem ser organizados, objetivando a conclusão da história, o espaço de tempo que marca o início o meio e o fim da história tem extrema importância e não pode ser desconsiderado (LIRA, CATRIB e NATIONS, 2003).

As oficinas de narrativas serão integradas por aproximadamente quinze adolescentes participantes de um programa de promoção social “Agente Jovem” executado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil. Este programa é financiado em sua maior parte pelo Governo Federal Brasileiro e tem a finalidade de trabalhar conceitos relativos à cidadania, saúde e inclusão digital para que os adolescentes participantes possam vir a ser agentes de mudança em sua comunidade. Os participantes têm idades entre 12 e 18 e o principal critério de inclusão no programa é o fato de provir de uma família com poucas condições financeiras e não se encontrar em conflito com a lei.

Para analisar os dados posteriormente, os encontros serão gravados e transcritos respeitando todos os detalhes, as oficinas serão descritas minuciosamente assim como as observações lá feitas (LIRA, CATRIB e NATIONS, 2003).

A análise das oficinas buscará entender as práticas discursivas, ou seja, as maneiras pelas quais os adolescentes, por meio da linguagem produzem sentidos e posicionam-se em relações sociais cotidianas. As práticas discursivas constituem momentos ativos do uso da linguagem, capazes de produzir ressignificações, rupturas e produção de sentidos. É linguagem em ação e compreende enunciados, gêneros da fala e conteúdos. Os enunciados e as vozes descrevem o processo de interanimação dialógica de uma comunicação (IÑIGUEZ, 2004; SPINK, 2004a, b).

Usando as práticas discursivas, procurar-se-á identificar os repertórios usados pelos participantes, principalmente em relação à sexualidade e gênero. Queremos saber como os repertórios – o dos dominantes e os dos dominados - se imbricam, se cruzam, permeiam e

refazem, assim como, como as estratégias de resistência se constituem a partir da doença, da vulnerabilidade e da exclusão.

As oficinas serão analisadas considerando os depoimentos dos participantes e a produção de materiais gráficos e artísticos. Ainda, será avaliado o dispositivo contar histórias como ferramenta para a educação em saúde (FREIRE, 1988; VASCONCELOS, 2001). Além disso, esperamos que os adolescentes passem a atuar como multiplicadores de ações de promoção à saúde e à vida.

1.4.1 Aspectos Éticos:

Esta pesquisa foi apresentada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS (Termo de Aprovação 020/2005). Os participantes e seus responsáveis assinarão um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e um Termo de Cessão do Uso de Imagens (Anexo 01).

1.5 Referências Bibliográficas:

AMARAL, M.A. e FONSECA, R.M.G.S.; *Entre o Desejo e o Medo: as representações sociais das adolescentes acerca da iniciação sexual*. Rev. Esc. Enferm. 40(4). USP. 2006. p. 469-476.

AYRES, J.R.C.M., CALAZANS, G.J. e SALETTI FILHO, H.; *Vulnerabilidade e Prevenção em Tempos de AIDS*, in *Sexualidades pelo Avesso: direitos, identidade e poder*, R.H.S. BARBOSA e R. Parker, Editora 34: São Paulo. 1999, p. 49-79.

BENJAMIN, W.; *O Narrador*, in *Os Pensadores.*, ADONO, B. E HABERMAS, Editora Abril: São Paulo. 1980, p. 57-74.

BOURDIEU, P., *Cuestiones de Sociologia*. Madri: Istmo, 2000.

BRANDÃO, E.R. e HEILBORN, M.L.; *Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro*, in *Cadernos de Saúde Pública*. v. 22, n. 07, 2006.

BURAK, S.D.; *Marco epidemiológico conceptual de la salud integral y el desarrollo humano de los adolescents*, in *Adolescencia y juventud en América Latina*. LUR Libro Universidad Regional: Cartago, Costa Rica. 2001 p. 469-487.

CAMARGO, B.V. e BOTELHO, L.J.; *Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV*, in *Revista de Saúde Pública*. (41)1 2007. p. 61-68.

CALAZANS, G.; KISS, L.; CAPPELLINI, S.; SEQUEIRA, D.; VIEIRA, R.M.; JUNIOR FRANÇA, I.; *Plantões Jovens: acolhimento e cuidado por meio da educação entre pares para adolescentes e jovens nos Centros de Testagem e Acolhimento – CTA*. Saúde e Sociedade, v.15, n. 1, p. 22-36, jan-abr. 2006.

CAPRARA, A., CASTRO, M.D.S. e VERAS; *Hermenêutica e Narrativa: a Experiência de Mães de Crianças com Epidermólise Bolhosa Congênita*, in *Interface - Comunic., Saúde, Educ*. v.9, n. 16 2005. p. 131-146.

CARVALHO, A.M., RODRIGUES, C.S. e MEDRADO, K.S.; *Oficinas em sexualidade humana com adolescentes*, in *Estudos de Psicologia (Natal)*.v.10, n.3, 2005.

CZERESNIA, D., *AIDS - pesquisa Social e Educação*. São Paulo: Hucitec, 1995.

DUARTE-KUAPPER, K. *¿Juventud o juventudes? Acerca de como mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente*. In: S. D. Burak (Comp). *Adolescencia y juventud en América Latina*. Cartago, Costa Rica: LUR Libro Universidad Regional, 2001. p. 57-74.

FEIJÓ, M.C. e ASSIS, S.G.; *O Contexto de Exclusão Social e de Vulnerabilidades de Jovens Infratores e de Suas Famílias*, in *Estud. Psicol.* (9)1 2004. p. 157-166.

- FOUCAULT, M., *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FOUCAULT, M., *História da Sexualidade II: O uso dos Prazeres*. 7 ed. vol. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1994.
- FOUCAULT, M.; *A Arqueologia do Saber*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FREIRE, P.; *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P.; *Criando Métodos para a Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação*, in: Brandão C.R. *Pesquisa Participante* Brasiliense: São Paulo, 1988.
- FREITAS, M.V.D.O. (org.), ABRAMO, H.W. e LEÓN, O.D.; *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*, in *Caderno - Ação Educativa*. v.01 n.01; 2005. p. 1-40.
- GARAY, A. e IÑIGUEZ, L.; *La perspectiva discursiva en psicología social. Subtividad y Procesos Cognitivos*. <http://www.antalya.uab.es/liniguez/Materiales_publicaciones.asp>. Acesso em: 26 de outubro de 2006.
- GIAMI, A.; *A medicalização da sexualidade. Foucault e Lantéri-Laura: história da medicina ou história da sexualidade?*, in *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. 2005.
- IÑIGUEZ, L.; *Análisis del Discurso - Manual para las ciencias sociales*. Barcelona: Editorial UOC, 2004.
- JEOLÁS, L.S., et al.; *Relatos do Projeto Juventude, Sexualidade e Saúde Como Abordar a Sexualidade em Sala de Aula. Estação*. v. ano 3, n. 4, 2005 p.1-11.
- KOWARICK, L., *Sobre a Vulnerabilidade Socioeconômica e Civil: Estados Unidos, França e Brasil*, in *Bras. Ci. Soc.* 2003.
- LIRA, G.V., CATRIB, A.M.F. e NATIONS, M.K.; *A Narrativa na Pesquisa Social em Saúde Perspectiva e Método*, in *Revista Brasileira de Psicologia Social*. 2003. p. 59-66.
- MACHADO, R., *Microfísica do Poder*. Edição com Base em Textos de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MAIA, A.C.B., MAIA, A.F. e FACHINI, G.B. *Análise de Aspectos Relacionados à Sexualidade em um site para adolescentes*, *Integração*. v.08, n.01; 2004. p. 57-66.
- MEDEIROS, S.Z., *Método para Educadores na Arte de Ensinar-Aprender a Sexualidade do Adolescente: uma proposta participativa*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

MENDONÇA, M.L.C.M.; *Scientie Sexualis e a Nova Gerência da Sexualidade*. 2005. http://www.sedes.org.br/Centros/scientia_sexualis_e_a_nova_gerên.htm (Acessado em 11/Nov/2007).

MENEGHEL, S.N. e IÑIGUEZ, L.; *Práticas Discursivas e Violência de Gênero. Relatório de Estágio Pós Doutoral*. Barcelona, 2006.

PARKER, R., *Políticas, Instituições e AIDS - enfrentando a epidemia no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SAFFIOTI, H. *Gênero e patriarcado*. São Paulo: PUC-SP, 1999. [mimeo]

SAWAIA, S.M.; *Narrativas orais e a experiência: as crianças do Jardim Piratininga*. In: Z.M.R. OLIVEIRA, Editor. *A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para a discutir a educação infantil*. Cortez: São Paulo, 2000.

SCOTT, J.; *Gênero, uma categoria útil de análise histórica*, in *Educação e Realidade*, v. 16, n. 2. Porto Alegre, p. 05-22, jul-dez. 1990.

SILVEIRA, F.D.A. e FURLAN, R.; *Corpo e Alma em Foucault: Postulados para uma Metodologia da Psicologia*. *Psicologia USP*. v. 14, n.03, 2003, p. 171-194.

SPINK a, M.J.; *Linguagem e Produção de Sentidos*. 2004, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SPINK b, M.J.; *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano - Aproximações Teóricas e Metodológicas*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SZWARCWALD, C.L., *AIDS e pauperização: principais conceitos e evidências empíricas*, *Cadernos de Saúde Pública*. 16(sup. 1), 2000, p. 65-76.

TAYLOR, S.J. e BOGDAN R., *Introducción a los Métodos Cualitativos de investigación: La Búsqueda de Significados*. 3 ed. Barcelona: Paidós. 1996.

TRAVERSO-YÉPEZ, M.A. e SOUZA PINHEIRO, V. D.; *Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas*, *Psicologia & Sociedade*. v.14, 2002, p. 44-68.

UNESCO; *AIDS: o que pensam os jovens*. Brasília: UNESCO, UNAIDS, 2003.

VASCONCELOS, E.; *A Saúde nas Palavras e nos Gestos - reflexões da rede de educação popular e saúde.*, Rio de Janeiro: Hucitec, 2001.

VERMELHO, L.L., BARBOSA, R.H.S. e NOGUEIRA, A.S.; *As Mulheres com AIDS desvendando histórias de risco*. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro. v.15, n.02, 1999, p.369-379.

1.6 Anexos:

1.6.1 Anexo 01: Termo Livre e Esclarecido e Autorização para o Uso de Imagem:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa "**Histórias e Artes: Sexualidade de Adolescentes**" tem como tema a sexualidade e será realizada por meio da estratégia grupal com adolescentes participantes do Programa Agente Jovem da cidade de Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul.

Todos os dados e informações obtidos a partir da pesquisa serão utilizados para fins de estudo e os participantes não serão identificados. Os objetivos desta pesquisa são: identificar os sentidos que os adolescentes dão para a sexualidade e estimular o uso das histórias como ferramenta de empoderamento de adolescentes. Para tal, serão realizadas oficinas de reflexão sobre o tema. Esta pesquisa não traz risco ou desconforto e a participação é absolutamente livre, não implicando em nenhum tipo de constrangimento para a pessoa que se recusar a participar. Em qualquer momento da pesquisa serão fornecidos esclarecimentos e, além disso, o participante pode se retirar do estudo quando desejar, sem que isto acarrete qualquer tipo de prejuízo.

A atividade será desenvolvida pelo pesquisador **Fábio Augusto Lise** e orientada pela professora **Stela N. Meneghel**, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UNISINOS (telefone de contato: 92946704).

Eu, _____ responsável legal pelo adolescente _____ através do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordo que este participe da pesquisa.

DATA: ____/____/____.

Assinatura do Responsável Legal pelo Adolescente

Assinatura do Adolescente

Assinatura do Pesquisador

**ANEXO 2
AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGEM**

Na pesquisa "**História e Artes: Sexualidade de Adolescentes**" será efetuada uma intervenção por meio de oficinas que serão gravadas, filmadas e/ou fotografadas e as imagens e informações obtidas serão utilizadas para registro e divulgação da intervenção.

Eu, _____ responsável legal pelo adolescente _____ autorizo o uso de sua imagem nesta pesquisa para os fins acima descritos.

DATA: ____/____/____.

Assinatura do Responsável Legal pelo Adolescente

Assinatura do Adolescente

Assinatura do Pesquisador

Este documento será emitido em duas vias, ficando uma delas com os pesquisadores e a outra será entregue aos responsáveis pelo Programa Agente Jovem.

2 RELATÓRIO DE TRABALHO DE CAMPO:

2.1 Minha Experiência com Oficinas:

Minha experiência profissional sempre foi voltada para pesquisas com populações em condição de vulnerabilidade social. Ainda na academia tive a oportunidade de participar de pesquisas financiadas que tinham como problematização de estudo crianças e adolescentes em situação de rua e de risco social. Nestas pesquisas, além da experiência de trabalho com pessoas em situação de vulnerabilidade, tive uma vivência bastante rica em pesquisa qualitativa, incluindo coleta de informações, coordenação de grupos e elaboração de relatórios técnicos.

Sempre considerei grupos uma ferramenta muito útil a ser utilizada pelas ciências da saúde, porém pouco explorada. Desta forma, procurei me aprofundar no conhecimento e utilização dos grupos. Em minha graduação ao desenvolver a vertente de estágio que contemplava a Psicologia Social tive a oportunidade de desenvolver meu trabalho em uma ONG-AIDS na cidade de Santo Ângelo/RS. Nesta instituição, que estava estruturando novas formas de auxiliar na promoção de saúde e na prevenção da contaminação pelo vírus HIV, desenvolvi vários grupos com familiares e usuários. E, em seguida direcionei meu trabalho para intervenções de prevenção tentando suprir uma necessidade da própria comunidade que

solicitara da ONG auxílio para desenvolver uma intervenção com objetivo de informar alunos das escolas públicas sobre AIDS e DST. Seguindo as orientações dos programas nacionais de prevenção a DST-AIDS e utilizando diversos materiais desenvolvidos por ONGs de todo país, comecei a realizar oficinas que tinham a função específica de trabalhar diversos aspectos sobre a contaminação e prevenção das DST's.

Continuei com este trabalho por mais dois anos. Esta vivência me proporcionou um grande enriquecimento pessoal e profissional, pois, participei de capacitações onde diversas formas de abordagens do tema sexualidade foram criadas e estudadas; e principalmente adquiri experiência e facilidade para coordenar grupos e oficinas de adolescentes.

Em outro momento, fui convidado para planejar e executar as oficinas que deveriam integrar as intervenções que seriam realizadas no Programa Agente Jovem que era desenvolvido na cidade de Erechim no Rio Grande do Sul. Trabalhei duas vezes nesta cidade com os adolescentes deste programa. Fiquei fascinado com as práticas de grupo que tive com estes jovens apesar das dificuldades enfrentadas, e com a coragem que eles mostram para enfrentar as adversidades do mundo.

Posteriormente, desenvolvi trabalhos em ONG's de promoção social para deficientes auditivos; população de baixa renda; e crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Estas últimas experiências serviram entre outras coisas para constatar a falta de estudos e pesquisas que objetivem o empoderamento destas pessoas, para que elas consigam romper com as situações que as levam ao adoecimento.

Passei então a compreender que o campo da Psicologia Social é o que melhor me instrumentará para desenvolver estudos com este objetivo. A crença de que a investigação social crítica e participativa é uma das formas de diminuir as desigualdades e iniquidades sociais está cada vez mais forte em mim.

2.2 O Programa Agente Jovem:

A pesquisa foi realizada no ‘*Programa Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano*’ da cidade e Porto Alegre. Este é um programa federal orientado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. É uma ação de assistência social desenvolvida para a população jovem, objetivando o desenvolvimento pessoal, social e comunitário. Utiliza-se de capacitação teórica e prática por meio de atividades educativas que visam a permanência do jovem no sistema de ensino, preparando-o para futuras inserções no mercado de trabalho. O Ministério do Desenvolvimento Social concede, também, diretamente ao jovem, uma bolsa mensal durante os 12 meses em que ele estiver inserido no programa e atuando em sua comunidade (Informações do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome).

Em Porto Alegre, o Programa Agente Jovem é desenvolvido pela Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) (organização pública criada e fundamentada na Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) e na a Lei Complementar Municipal 352) que descentraliza seus trabalhos através de módulos espalhados por vários bairros da cidade. Por uma questão de facilidade de acesso, a coleta de dados aconteceu com os adolescentes usuários do Módulo Centro (Informações da Prefeitura Municipal de Porto Alegre).

2.3 Questões Éticas:

Os participantes e seus responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e um Termo de Cessão do Uso de Imagens (Anexo 01). Para preservar as identidades dos adolescentes participantes da pesquisa seus nomes serão substituídos por nomes de heróis de desenhos infantis. Às meninas foram dados nomes de personagens

femininos: Dhiana, Shaiéra, Welma, Lisa, Mary e Margery; e aos meninos foram dados nomes de personagens masculinos: Clark, Bruce, John, Peter, Barth, Timoty, Bob, Benjamim, Fred, Roni, Homer, Dimi e Antony.

2.4 Negociando a Entrada e Entrando em Campo:

Inicialmente realizei um contato telefônico com a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), do Município de Porto Alegre, para verificar a possibilidade de realizar a pesquisa intervenção com os adolescentes do Programa Agente Jovem. A ligação foi transferida por diversas vezes e precisei explicar meus objetivos repetidamente, até que fui instruído que deveria escrever um ofício dirigido para a coordenação da rede básica onde explicasse os objetivos e interesses da pesquisa e como pretendia realizar a intervenção com os adolescentes do programa. Compareci pessoalmente na esperança de poder esclarecer prontamente alguma dúvida que a equipe pudesse vir a ter. Ao chegar lá expliquei o que pretendia, lembrei-os do meu pedido e entreguei o ofício. Uma das coordenadoras comunicou que este passaria pela comissão de ética da prefeitura e que eles iriam me comunicar a resposta.

Passaram-se dois dias e como não recebi a ligação retomei os contatos com a FASC, na tentativa de obter uma resposta. O tempo era curto, e caso não fosse possível realizar a coleta no Programa Agente Jovem, teria que encontrar outra alternativa. Finalmente solicitaram que comparecesse a uma reunião com uma das coordenadoras. Comunicaram-me sobre a aprovação do projeto e também foi enviada uma apresentação direcionada à Coordenadora do Módulo Centro da FASC. Imediatamente me dirigi à sede do Módulo

Centro da FASC, onde se encontravam os adolescentes participantes do Programa Agente Jovem com os quais estava autorizado a trabalhar.

2.4.1 O Modulo Centro:

Ao chegar ao local fui informado que a coordenadora do modulo, não se encontrava naquele momento, então esclareci a situação com a servidora que ali estava. Esta pessoa não se demonstrou muito receptiva à proposta. Porém, me orientou a conversar com a coordenadora substituta, pessoalmente, no dia seguinte. Nesta reunião apresentei à coordenadora o ofício encaminhado a FASC com o respectivo aceite e apresentação.

Apos ler o ofício, sua primeira manifestação foi que outra pessoa deveria ter assinado a apresentação. E, em seguida, perguntou quais eram os objetivos da pesquisa (informação que constava no documento que ela tinha em mãos) e, antes que eu pudesse responder, falou que os adolescentes do programa já haviam passado por muita coisa e que ela não concordava que seus sofrimentos fossem explorados. Expliquei-lhe que não pretendia coletar informações sobre a vida dos adolescentes, mas realizaria uma intervenção de educação em saúde que lhes faria pensar ou repensar aspectos sobre sua sexualidade e, que acreditava que estas reflexões me forneceriam dados que me possibilitariam realizar uma análise de suas percepções e entendimentos sobre o assunto. Esclareci-lhe também que se ela considerasse que a coleta não poderia ser realizada naquele local, era necessário que eu fosse informado naquele momento, pois necessitava respeitar uma necessidade temporal e explorar outras alternativas. Ela realizou mais alguns questionamentos, e acabou por concordar com o trabalho salientando a importância de trabalhar sexualidade com os adolescentes do programa. Esclareceu também

que os participantes do Agente Jovem residiam em bairros próximos ao centro e que alguns eram abrigados.

Ficou acordado que eu poderia iniciar a coleta no dia seguinte, desde que se realizassem as devidas combinações com a professora que era responsável pelo grupo. Salientou que o programa não poderia disponibilizar materiais para as oficinas. Expliquei que não havia a necessidade de iniciar a intervenção imediatamente e, que seria possível aguardar mais um ou dois dias para não mexer muito no cronograma utilizado e também traria todos os materiais necessários para a realização das atividades que proporia. No dia seguinte, contatei com a responsável pelas atividades naquele grupo, ela demonstrou-se muito mais receptiva e me informou que o grupo se encontrava nas terças, quartas e quintas feiras e que teria prejuízo em deixar as atividades que ela havia programado para serem realizadas após minhas intervenções. Combinamos então que eu iniciaria no dia seguinte, uma quinta feira, às 09h e 30 minutos.

2.5 Oficinas de Sexualidade:

2.5.1 Primeiro Encontro – 19-07-2007

No primeiro encontro fui recepcionado pela coordenadora substituta que se mostrou mais simpática e prestativa. Mostrou-me um armário metálico onde poderia deixar minha pasta e informou-me que a professora do programa com quem eu havia conversado no dia anterior ainda não havia chegado. Fiquei aguardando no corredor, onde me ofereceram café e, a coordenadora me comunicou que os adolescentes que começaram a se reunir na sala em frente eram os integrantes do Programa Agente Jovem. Eles estavam fazendo seu lanche

naquele momento, como em todas as manhãs posteriores fizeram. Havia dentro da sala sobre a mesa duas bandejas com pães, jarras com leite achocolatado e algumas canecas de plástico em sua grande maioria azuis.

A sala onde se realizavam os encontros do Agente Jovem localizava-se no centro do andar (terceiro) onde se estruturava o Módulo Centro. Ela era cercada de outras salas tendo apenas uma fina divisória entre elas. Havia duas portas na sala, bem próximas uma da outra, cadeiras com pernas de ferro e acentos de plástico laranja, uma grande mesa retangular colocada a baixo de uma lousa branca, com uma TV cinza em cima, no canto oposto da porta principal havia uma pequena janela, a única da sala, e, embaixo dela, uma escrivaninha com um computador que aparentava ser antigo. Na parede lateral, da cômoda, perto de uma das portas um armário de madeira com diversos tipos de materiais -papéis, lápis, canetas e outros. Na outra parede lateral existia outra escrivaninha e no canto atrás da porta principal havia um arquivo de aço com quatro gavetas.

Em seguida, a professora chegou e se apresentou. Na sala de aula os jovens conversavam alto e faziam brincadeiras, gritavam muito, no chão encontravam-se farelos de pão. A professora reuniu as canecas e as jarras em cima da bandeja e as levou para outro local, usou um pano para limpar a mesa e começou a varrer o chão. Após isto, gritando organizou os adolescentes, pedindo que estes se sentassem nas cadeiras que foram posicionadas de forma a circularem a sala.

Os adolescentes repararam em minha presença e começam a questionar a professora sobre a possibilidade da realização de suas atividades corriqueiras (grande parte dos questionamentos eram feitos pela adolescente que chamarei de Dhiana). A professora solicita silêncio e me apresenta aos jovens, e pede que eu explique o trabalho que pretendo realizar com eles. Então, inicialmente me apresentando, explico que gostaria da colaboração deles para realizar um trabalho. Eles participariam de atividades que eu acreditava que seriam

agradáveis e que, depois poderíamos discutir vários assuntos que eles julgassem necessários. Enquanto eu falava, uma das meninas (Dhiana) se manifesta dizendo: “- *ai que saco, chega professora, que chato, vamos logo jogar bola*”. A intervenção da adolescente aconteceu no momento em que eu estava explicando a atividade, a fala dela era alta e impositiva. Continuei a falar com o grupo, ignorando-a, já que ela não interagiu comigo. Disse ao grupo que havia preparado uma atividade para aquele dia e que após ela ser realizada, poderíamos conversar sobre o que eles queriam fazer e se haviam ou não apreciado.

O grupo de início não se mostrou receptivo, porém a professora gritando organizou todos em círculo e os obrigou a ouvirem o que eu tinha para falar. Expliquei-lhes que eu leria uma história e que, depois poderíamos conversar sobre ela.

A transcrição deste encontro está realizada partir deste momento:

Pesquisador: Eu vou contar uma história para vocês. E vocês vão poder me contar outras histórias. É possível?

Dhiana: Histórias da branca de neve!?

Pesquisador: Pode ser! As histórias que vocês quiserem. Só que vocês poderiam ser um pouquinho mais criativos, né?

Clark: Harry Potter, Chapeuzinho Vermelho.

Bruce: Tu já vai passar a história?

Pesquisador: Sim eu vou entregar ela escrita para vocês e depois eu vou ler, pode ser? Eu fiz algumas cópias, mas não sei quantos tem hoje! Quantos têm?

Clark: Tem muitos que não chegaram ainda.

Professora: Hoje não vieram todos. Quantos você são hoje?.. Ihhhh!!! Hoje ta faltando mais que a metade.

Várias pessoas falando junto.

Pesquisador: Alguém quer ler a história ou vocês preferem que eu a leia? Eu acho que é a forma mais rápida de todos a conhecerem. Alguém quer ler?

Dhiana: Eu acho que é melhor o senhor ler.

Pesquisador: Ok! Então eu posso ler.

Várias pessoas falando junto.

Professora: GENTE! PARA ALGUÉM LER AS OUTRAS TEM QUE OUVIR!!! ENTÃO NÓS VAMOS OUVIR O FÁBIO, OU NÓS VAMOS FAZER UMA LEITURA SELETIVA, CADA UM VAI LER UM POUCO.

Shaiéra: Não professora!

Clark: Tem gente aqui que nem sabe ler!

Pesquisador: Tudo bem eu leio! Está história é uma lenda, vamos ouvi-la e depois nós poderemos fazer nossas histórias.

Foi lida a história transcrita abaixo:

“O Príncipe Encantado Das Águas

Esta lenda conta à história de um ser com a sorte dos peixes e a sedução de um homem. O Boto Rosa o Príncipe Encantado das águas. Nas noites de luar os lagos da Amazônia se iluminam com uma forte luz mística, e dele surge um belo homem, alto, forte e sedutor, vestindo um termo branco, camisa rosa e um chapéu. O Boto ou Uaiara se transforma deixando de ser animal e sai das águas para conquistar as moças. Ele se dirige a festa mais próxima. E quando chega lá, embora desconhecido de todos, logo escolhe a moça mais bonita e começa a observá-la. A moça envolvida por uma mágica sedução se aproxima e se interessa pelo rapaz. Os dois dançam a noite inteira. Antes do dia amanhecer o Boto na Forma de Homem conduz a moça para margem do rio. Ao clarear do dia a moça acorda sozinha e despida e mais tarde acaba descobrindo que está grávida.

Este lendário e conhecido ser anda sempre de chapéu para esconder um buraco que há em sua cabeça, por onde o Boto respira. E dizem que de sua cabeça exala um forte cheiro de peixe.

Conta-se ainda algumas histórias de maridos que armavam ciladas para pegar um homem que tentava conquistar suas mulheres. A cilada acontecia à noite, aonde o marido vai e luta com o seu rival, que mesmo ferido consegue fugir e atira-se na água. No dia seguinte um cadáver aparece na beira do rio ferido pela arma do marido, mas para a surpresa de todos não é um homem, mas sim um Boto.

O Boto é considerado o protetor das mulheres, e quando ocorre um naufrágio o Boto se manifesta e procura salvar a vida das mulheres, procurando empurrá-las para as margens do rio.”

No início da história há muito barulho, mas em seguida todos ficam em silêncio e prestam atenção na história.

Ao terminar a história:

Pesquisador: Do que fala a história?

Welma: (Fala algo inaudível)

Pesquisador: Ah? (Como?)

Shaiéra: Nada.

Todos ficam em silêncio por alguns instantes!

Professora: Vocês já conheciam esta lenda aqui do Boto Rosa. É uma lenda da Amazônia. Lendas são folclores de cada região. Uma lenda como aquelas que temos aqui: Lenda do Negrinho do Pastoreio; da Erva Mate. As lendas falam muito daquele povo. É o que o povo tem para contar. Eles vêm contar nas lendas coisas que eles não sabem explicar. E esta lenda aqui! Não sei se eu to certa Fábio? Me corrija se eu estiver errada. Esta lenda fala dos povos que moram no rio Amazonas ou por ali. E é uma lenda que também tem uma conotação indígena. De um rapaz que seduzia as moças daquela região, mas só que aquele rapaz não era um rapaz é sim um Boto que se transforma em rapaz. Né? Estas lendas elas serviam também, por exemplo, quando surgia uma moça grávida de uma aldeia ou povoados esta lenda explicava porque que esta moça estava grávida. Muitas delas colocavam a culpa no Boto. Daí eles criaram este folclore. Então até hoje em dia existe esta lenda naquela região como existe a lenda da Vitória Régia. Quais outras lendas existem Fábio?

Pesquisador: Bah! Olha o Boitatá acho que é de lá!?

Professora: Isso Currupira. Então são lendas; histórias. Como Dhiana tinha falado Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho. Sei lá, tantas histórias. Nestas histórias eles querem contar a vida das pessoas o que elas fizeram. E tirar uma lição disto. Algumas coisas que sirvam para vida deles. Não quer dizer que é real. Muitos acreditam, mas muitos acham que é só uma história. Bom! Pode continuar... (E dirigiu-se a mim!)

Pesquisador: Bom! Então se nós pensarmos... Formos pensar sobre a história. Qual seria o personagem principal?

John: O Boto! (Vários ao mesmo tempo)

Pesquisador: Isto! E o que faz a história ficar interessante?

Lisa: O mistério!

Pesquisador: Isto! E o que mais?

Peter: Um homem que não é homem! Uma mulher...

Pesquisador: Isto! Fala de um homem que se transforma! Existe uma mágica. Quem aqui já pensou em se transformar? Ou já se transformou?..

Momento de silêncio!

Pesquisador: E o Boto! Vocês sabem o que ele é?

Peter: Um peixe.

Pesquisador: Isto! Bem parecido com um peixe, mas é um peixe mesmo?

Professora: Um mamífero.

Barth: Tipo um golfinho.

Pesquisador: Isto! É uma espécie de golfinho, parecido com peixe, mas um mamífero... Então! Eu pensei algo para fazermos agora! Nos juntarmos em grupos, bem rapidinho. E vocês podem conversar sobre a história e depois fazerem outra história.

Acontecem vários tipos de protestos, referentes a terem que se levantar e, principalmente, sobre terem de fazer uma história. Surgem exclamações que criar uma história é difícil e que eles não saberão fazer.

Pesquisador: Calma pessoal! Eu vou ajudar vocês se precisarem. Mas para ficar mais fácil, vocês podem pensar em como começar a história. Ou criar um personagem. Comecem devagar que vocês vão conseguir.

Clark: Tá mais e depois?

Pesquisador: Depois que as histórias estiverem prontas podemos contá-las para o grupo. Podemos fazer isto?

Dhiana: Sim!!!

Pesquisador: Que tal grupos? Gostaram da idéia?

Professora: Grupos de três! Vamos.

A coordenadora incentiva a formação de grupos. E ajuda um dos grupos a fazer a história. Segundo ela, os jovens deste grupo são mais quietos. Nenhum grupo fica com três pessoas. Os adolescentes têm muitas dúvidas de como fazer a história. Perguntam se a história tem que ser de um animal. Respondo sempre que pode ser como eles quiserem. Alguns trocam várias vezes de grupo, brigam com os colegas e alguns escolhem fazer a história sozinhos. Perguntam se podem escrever a história. Digo a eles que o importante é que contem a história para todos, mas que se quiserem escrever podem sem problemas. Todos os grupos escrevem suas histórias. Demoram aproximadamente 40 minutos para conseguir realizar a atividade. Precisam de muitos incentivos e de muitas liberações.

Enquanto os grupos faziam as histórias um dos adolescentes estava usando o computador da sala, faz um desenho de um pênis, utilizando um dos programas gráficos. Quando a Professora vê, dirige-se a ele e pergunta:

Professora: O que é isto Clark?

Em tom de brincadeira o adolescente justifica:

Clark: Estava tentando desenhar o Mickey, professora. Só que está de cabeça para baixo.

Depois disto o adolescente fechou o programa e continua a digitar a história no computador.

Clark: Quer gravar isso aí? Você vai gravar eu não vou ler... Eu não vou ler, lê você!

Depois de passado algum tempo, solicito que contem suas histórias para o grupo.

Houveram muitos protestos, mas com algum incentivo o primeiro grupo concordou com a tarefa.

Timoty: Professor! “Os meninos que Caminham” este é o título.

Pesquisador: Tudo bem.

Timoty: Todo dia de curso os (dizem os nomes dos próprios garotos que compunham o grupo) vêm a pé lá da Santana e da Azenha (muitas risadas dos colegas). E a professora diz que é pertinho. Pertinho pra ti né professora! Tá loco, mais um pouco eu vou sumir. O cara vem de a pé e não ganha passagem e quem mora bem pertinho ganha passage e nós que moremos longe não ganhamo. A (nome de uma colega), que mora longe, até vale ganhar passagem e a (outra colega) também que mora longe, na Safira, e a (outra colega) também vale, porque ela mora na Safira, também esses até vale ganhar passagem, mas o resto não tem que ganhar nada tudo moram perto. É isto.

Margery: Ai para guri.

Pesquisador: Agora quem quer ser o próximo a contar.

Bob: Lê ai meu!

Benjamim: Hah! Eu não vou contar! Conta ai professora! (*Grupo que a professora ajudou a fazer a história*).

Pesquisador: Vocês não precisam ler se não quiserem. Só contem a história.

Clark: Era uma vez um gato xadrez, quer que eu conte outra vez!

Pesquisador: Bom já é uma história! Viram não é tão difícil!

Bob: Mas nós não terminamos professor.

Pesquisador: Faz assim começa lendo e depois inventa o final.

Bob: Os outros lêem antes professor!?

Fred: Nos podemos ler professor.

Pesquisador: Ok! Podem ler então! (Havia muito barulho na sala) Então pessoal vamos ouvi-los!?

Fred: “A história de um Menino Drogado”. A história começa com um jovem estudante que morava com seus pais numa pobre vila chamada Chocolatão. (Todos riem muito e fazem comentários, o menino continua a ler e todos vão se acalmado) O garoto no outro dia foi convidado para cheirar cola e fuma baseado. O menino pegou a loló e o baseado foi cheirar e fumar escondido. Tal dia então pegou e se viciou. Seus pais descobriram e mandaram internar, mas só que os pais do menino não sabiam que o menino era judiado lá dentro da clínica. Lá na escola ele era um menino inteligente e adorável pelos professores. Os próprios amigos dele falavam que ele tem muita determinação e vontade para vencer, mas só que ele não sabia que as drogas iriam matar. Logo ele viu que começou a emagrecer e ficar muito doente e parou no hospital. Logo depois que saiu do hospital ele parou e pensou em parar com as drogas

Roni: Parar de usar né? (outro integrante do grupo)

Fred: É parar de usar. Então ele voltou a morar com seus pais e conseguiu largar as drogas e voltou a escola. Acabou.

Pesquisador: Ótimo, obrigado! Quem mais quer ler?... E ai como está a de vocês?

Bob: Ainda não ta pronta professor.

Pesquisador: Mas faz assim começa lendo e termina contando.

Peter: Eu posso ler professor só que ainda não ta pronta. (O adolescente fez a história sozinho, não se juntou a um grupo).

Pesquisador: Ok! Você termina na hora.

Peter: Acordo de manhã, pego o meu ônibus e no ônibus observo pessoas apressadas e atordoadas. O que será que elas procuram? Procuram um futuro melhor. Esse futuro só é destinado para os que acreditam nele, existem muitos obstáculos, existem pessoas que te ajudam, existem também aquelas pessoas que não tão nem ai pra você. Mas basta nós... basta nós... passar por cima deles e continuar seguindo em frente.

Acontecem muitas discussões sobre a história.

Pesquisador: Pessoal não existe certo ou errado cada um tinha a liberdade de fazer como queria.

Bob: Ainda não professor.

Homer: Bob, Bob! Começa a falar depois o grupo te ajuda a terminar.

Bob: “O Filho Drogado” (grupo que foi ajudado pela coordenadora, o menino lê muito pausadamente e com dificuldade). Era uma vez um menino chamado T. (nome de um dos colegas). Ele não queria fazer nada ele só queria usa drogas. A mãe de T. não sabia o que fazer. Ela resolveu procurar ajuda de um Psicologia.

Todos riem.

Dhiana: Ai é Psicólogo, oh burro!

Professora: Psicólogo.

Bob: Para falar com seu filho. E o psicólogo perguntou para o T. se ele queria parar com essa coisa de usar drogas ou ele para ai... Mas quem escreveu isto aqui, eu não vou mais ler.

Os integrantes do grupo discutem entre si. E após incentivos resolveram continuar a história.

Bob: E T. disse que não ia parar com as drogas então o psi... psicólogo...

Dhiana: Lê direito meu.

Bob: Hah! Táh louco meu... Psicólogo resolveu interná-lo num hospício de drogados e T. achou bom para ele. (O colega que escreveu o ajudava a ler) Lê alto meu, lê tu!

Dimi: Ah eu não. Lê tu!

Bob: Lê tu! Ah eu não vou terminar de ler ele não sabe escreve direito. Eu não vou mais lê nada.

O grupo começou a reagir insistindo que o menino lesse.

Pesquisador: Ok! Não tem problema. A história estava bem legal pena que vocês não a terminaram, mas obrigado... Pessoal! Vocês se importam de me entregar estas folhas ou vocês querem ficar com elas.

Eles começaram a colocar os nomes nas folhas sem que eu solicitasse. E insistiram com professora para irem jogar bola na praça.

Pesquisador: Olha pessoal! Eu tenho uma atividade que é bem mais divertida. Mas se vocês não querem fazê-la agora, eu vou entender. Mas daí combinamos, que na semana que vem, nós vamos fazê-la da melhor maneira possível, ok?

Os adolescentes começaram a se agitar e guardar suas coisas. Concordaram com a minha proposta com afirmações, sem muita convicção. Auxiliei no que pude a coordenadora, na arrumação do material. Ela disse que eu poderia ir. Acalmou os adolescentes e permaneceu com eles na sala em clima de reunião. Eu me despedi de todos em uma única saudação e me retirei.

2.5.1.1 Transcrição dos Trabalhos Gráficos:

Será realizada a transcrição das histórias, que foram entregues em folhas pautadas.

Transcrição da história, escrita a lápis, “*O Filho Drogrado*”. O nome do personagem principal foi omitido por ser o nome de um dos integrantes do grupo. E os sinais de pontuação foram empregados pelo pesquisador já que no trabalho original eram inexistentes.

“Era uma vez um menino chamado (nome omitido). Ele não queria fazer nada. Ele só queria usar drogas. A mãe de (nome omitido) não sabia o que fazer. E, ela resolveu procurar ajuda de um psicólogo para falar com seu filho. E o psicólogo perguntou para o (nome omitido) se ele queria para (parar) com essa coisa de usar drogas ou ele parace. E (omitido) disse que não ai parar com as drogas. Então o psicólogo resolveu interna-lo num ospcio (hospício) de drogados. E, (nome omitido) achou bom pra eles. E sua mãe foi cuidar dá vida dela. (nome omitido) voltou para a escola e ele espera voltar para sua família.”

Transcrição sem alteração da história escrita a lápis.

“Acordo de manhã, pego o meu ônibus, no ônibus observo pessoas apesadas atordoadas. O que será que elas procuram? Procuram u futuro melhor. Esse futuro só é destinado para os que acreditam nele, existem muitos obstáculos, existem pessoas que te ajudam, existe também aquelas pessoas que não tão nem ai pra você. Mas depende de nós pensarmos e passar por cima desses obstáculos.”

Transcrição da história, escrita a lápis, “*Os meninos que caminham*”. Os nomes dos personagens foram omitidos por serem os nomes de alguns dos adolescentes. E os sinais de pontuação foram empregados pelo pesquisador já que no trabalho original eram inexistentes.

“Todo dia de curso o (nomes omitidos) vem de a pé lá da Santana e da Azenha. E a professora (nome omitido) diz que é pertinho. Pertinho pra ti, né professora! Ta loko mais um pouco eu vou sumir. O cara vem ainda não ganha passagem e quem mora bem pertinho ganha passagem. E nós que moremos longe temos que ir a pé todo dia.

A (nome omitido) que mora longe até vale ganhar passagem. E a (nome omitido) também mora longe, na Safira. E a (nome omitido) também vale porque ela mora na Safira também. Estes até vale ganhar passagem mas o resto não tem que ganhar nada. Tudo moram perto.”

Transcrição sem alteração da história, escrita a lápis: “*A história de um menino drogado*”.

“A história começa com um jovem estudante que morava com seus pais numa pobre vila, chamada Chocolatão. E o garoto no outro dia foi convidado para cherrar cola e fumar baseado. O menino pegou o lo-lô e o baseado e foi cheirar e fumar escondido. Tal dia então pegou e se viciou.

Seus pais descobriram e mandaram internar, mas só que os pais do menino não sabia que o menino era judiado lá dentro da clínica. Lá escola ele era um menino inteligente e adorável pelos professores. Os próprios amigos dele falavam que ele tem muita determinação e vontade para vencer, mas só que ele não sabia que as drogas iriam matar. Logo ele viu que começou a emagrecer e ficar muito doente. Então ele parou no hospital.

Depois que saiu do hospital ele ficou e pensou em parar com as drogas, pois ela estava destruindo. Então ele voltou a morar com seus pais e conseguiu largar as drogas e voltou a escola.”

2.5.2 Segundo Encontro – 24-07-2007

Ao chegar no módulo centro fui recebido com protestos pelos adolescentes. Alguns deles, principalmente as meninas (Dhiana e Shaiéra que funcionavam como líderes de um dos subgrupos da turma) me abordaram questionando se eu iria trabalhar com eles naquele dia. Disse-lhes que era minha intenção, e perguntei o porquê do interesse. Elas me disseram que na terça feira era dia deles participarem de oficinas no Instituto Mário Quintana (prédio ao lado do Módulo Centro) e que gostavam muito desta atividade. Permaneci ali, observando eles tomarem seu lanche e aguardando a coordenadora do programa. Percebi que os adolescentes começaram a se articular para protestar contra minha intervenção daquele dia, na tentativa de que pudessem participar de sua atividade corriqueira. Algum tempo depois, a coordenadora do programa chegou e iniciou seu ritual de recolher as bandejas com as canecas azuis e os jarros, em seguida começou a varrer a sala e organizar as cadeiras em formato de círculo.

Eu entrei e me sentei em uma das cadeiras enquanto a coordenadora exigia que os adolescentes ficassem em silêncio e se sentassem. Por muitas vezes, desde que chegou, havia sido questionada sobre a possibilidade de acontecerem as oficinas e na maioria das vezes ela ignorou os questionamentos ou respondeu que conversariam sobre isto após eles se organizarem.

Depois que todos estavam sentados e organizados, novamente os adolescentes questionaram sobre as oficinas no Instituto Mário Quintana. A coordenadora por várias vezes disse que naquele dia eles realizariam a atividade que eu havia trazido e que iriam às oficinas somente na outra semana. Uma chuva de protestos aconteceu, e as reivindicações ficavam cada vez mais altas. Por várias vezes pude ouvir a professora em tom de ameaça repetir a frase: - Olha o que conversamos na semana passada. Após alguns minutos a situação não

havia mudado e o impasse continuava. Então me levantei e aproximei-me da professora sugerindo-lhe que poderíamos deixar minha atividade para o dia seguinte, desde que combinássemos que todos se empenhariam em sua realização. A coordenadora justificou a reação dos jovens, dizendo que eles gostavam muito desta atividade e que por isso relutavam tanto em abandoná-la. Enquanto conversávamos o barulho de vozes em torno de nós diminuiu gradativamente.

A professora então concordou que eu realizasse a atividade no dia seguinte e comunicou a eles. Em seguida, pedi a palavra, fiz a combinação e lhes apresentei o Termo Livre e Esclarecido. Disse-lhes qual era sua função e porque ele era importante para mim. Eles não questionaram nada. Então, solicitei que eles o levassem para os seus responsáveis, sendo que, a professora se responsabilizou de entregá-lo no término das atividades daquele dia. Despedi-me e me retirei enquanto a turma se preparava para sair.

2.5.3 Terceiro Encontro – 25-07-2007

Neste dia cheguei um pouco mais tarde e a professora já estava limpando a sala. Cumprimentei a todos, e perguntei-lhes se haviam lembrado de trazer o Termo Livre e Esclarecido que haviam levado para seus responsáveis assinarem. Uma das meninas gritou: - *eu não recebi isto*. A professora imediatamente confirmou que havia entregue para eles no dia anterior no final das atividades. Então a mesma menina perguntou para que o termo servia, e por que os seus pais tinham que assinar. Expliquei a importância do termo para mim. E sobre o que era pesquisa. Quando solicitei se alguém tinha alguma pergunta outra adolescente perguntou por que eu havia escolhido o grupo deles para trabalhar. Respondi contando um pouco da minha experiência com o “Programa Agente Jovem” e disse que achava que eles

poderiam me ensinar muito. Não houve mais perguntas, então passei para a realização da atividade.

A transcrição deste encontro está realizada partir deste momento:

Pesquisador: Para atividade de hoje eu gostaria que vocês formassem duplas.

John: duplas de dois, professor?

Pesquisador: Isto mesmo.

Dhiana: Não pode fazer uma dupla de quatro, anta!

Muitos Risos...

John: Cala boca guria!

Pesquisador: PESSOAL! Duas pessoas, vocês podem escolher. Daí eu quero que vocês sentem de frente para a dupla.

Bruce: Ih professor! Como assim!

Professora: FORMEM A DUPLA, VAMOS!

Pesquisador: Oh pessoal! Nós vamos fazer duas colunas de cadeiras. Assim! Aqui vai ser a coluna A e aqui a B. A pessoa que vocês escolherem para dupla vai sentar na frente de vocês, ok!?

Shaiéra: Não entendi professor!

Pesquisador: Nós vamos formar duas filas de cadeiras. Sendo que as pessoas sentadas na cadeira ficarão de frente para a outra pessoa que está sentada na outra coluna, entenderam?

Professora: Vamos lá pessoal! Não é tão difícil! Vamos lá!!!

Passa algum tempo...

Pesquisador: Isto pessoal assim! Ótimo assim está certo!

Depois de todos organizados... Com exceção de três meninas que geralmente não participavam da atividade e que ficaram em um canto.

Pesquisador: Pessoal, nós agora vamos fazer uma atividade que é um jogo.

Dhiana: Qual o nome do jogo professor?

Pesquisador: ... Palavra!

Peter: PA-LA-VRA!

Pesquisador: Então! Eu vou explicar o jogo para vocês. A pessoa que está sentada na frente de vocês é a sua dupla. Não é? Vocês dois estão

jogando juntos, conforme vocês acertarem eu marco um ponto para vocês aqui na lousa e no final quem tiver mais pontos ganhou.

Clark: Mas acertar o que professor?

Pesquisador: Ok, vou explicar! Mas entenderam até agora, né? Bom vai ser assim, eu vou escrever uma palavra no caderno. Você vai ter que fazer a tua dupla adivinhar esta palavra, mas para isto você vai dizer para ele somente uma palavra que seja diferente desta, mas que faça a pessoa associar a palavra que esta aqui escrita, ok? Se a primeira dupla não acertar pula para a segunda, que vai poder repetir as palavras já ditas para tentar fazer seu parceiro acertar. Depois de passar algumas duplas sem a pessoa acertar vai ficar fácil porque já vai dar para formar uma frase completa.

Barth: Não entendi muito bem professor!

Dhiana: Eu também não entendi nada!

Pesquisador: Vamos fazer assim! Vamos começar a jogar daí vocês vão entender!

Dhiana: Ih! Isto é muito complicado, nós não vamos conseguir fazer.

Pesquisador: Vão sim vocês são espertos.

Dhiana: Esperto? Aqui são tudo uns burros.

John: Cala boca guria que mais burra que você não tem!

Neste ponto começa uma discussão!

Professora: Pessoal, por favor!

Pesquisador: Vamos lá, começar! Se vocês prestarem atenção nestas primeiras, todos vão conseguir fazer. Olha, estou escrevendo uma palavra no caderno, agora você lê a palavra e diz para ela outra palavra que você acha que ela vai associar, para adivinhar esta.

Lisa: Ai não sei professor!

Pesquisador: Lê o que está escrito e diz outra palavra para ela. Tenta!

Lisa: Ta! Abacaxi!

Pesquisador: Isto! Agora ela disse abacaxi! O que você acha que está escrito aqui no caderno?

Welma: Não sei!

Pesquisador: Pensa assim, abacaxi o que ela está tentando te dizer com isto?

Welma: Peru.

Todos começam a rir muito...

Pesquisador: Ok! Não é esta! Então vamos para o próximo vai ficar mais fácil...

Lisa: Era maçã

Bob: Hahhh! É sempre fruta!?

Pesquisador: Lisa não pode falar, agora os outros que tinham que adivinhar já sabem.

Clark: Huuu! È uma burra mesmo!

Dhiana: O que guri burro é você!!!

Pesquisador: Calma pessoal, vamos começar novamente, e agora ninguém fala o que está escrito até alguém adivinhar, ok? No começo eu vou usar palavras bem fáceis, tipo as frutas, depois que vocês aprenderem vamos para as outras. Então aqui tem outra palavra.

Dhiana: Ai professor vamos parar com isto, que é muito difícil esta brincadeira.

Pesquisador: Pessoal eu nem terminei de explicar a brincadeira prestem a atenção um pouco que vocês vão conseguir.

Pesquisador: Olha está aqui é tua palavra! O que você pode dizer para ele adivinhá-la?

Peter: Banana.

Bob: Maçã.

Pesquisador: Ok! Não acertou agora é assim. Já foram ditas duas palavras. Ela pode usar estas duas palavras já ditas e mais uma para fazer a colega acertar. Então você tem que pensar agora, estas palavras ditas: banana e maçã; ajudam você a formar algo com outra palavra que leve ela associar o que está escrito no papel? Então tenta!

Margery: Melancia.

Mary: Sei lá!.. Melão!

Pesquisador: Não é melão. Mas estão jogando bem certo! Vamos continuar jogando!

Bruce: Abacate.

Roni: Pêra.

Pesquisador: Não é! Mas acho que vocês estão acertando.

Dhiana: É pepino professor!

Pesquisador: Você precisa deixar a tua colega te passar a dica antes de tentar.

Shaiéra: É abacaxi sua anta, eu te fiz sinal.

Pesquisador: Pessoal não falem a palavra que está escrita... Mas deixem eu dar um exemplo para vocês de como poderia ser feito. Vamos supor que o colega aqui tivesse dito “fruta”, que não foi falado, mas caso tivesse eu que seria o próximo poderia ter dito “fruta coroa”, daí a próxima pessoa poderia ter entendido, uma fruta com coroa, então deve ser o abacaxi.

Clark: Mas assim é fácil professor!

Pesquisador: Então! É isto que quero explicar, vocês podem usar as palavras que os colegas disseram e acrescentar mais uma para fazer sua dupla acertar.

Margery: Ah tá agora eu entendi!

Pesquisador: Pessoal vamos tentar uma vez para valer daí ver no que dá. Eu vou escrever a palavra no caderno e deixá-lo com vocês. Porque quero anotar no quadro as palavras que vocês disserem. Pode ser assim?

Shaiéra: Hahaha.

Dhiana: Ai que chato professor!

Lisa: Beijo.

Welma: Boca.

...

Pesquisador: Pode continuar.

Peter: Mas como professor.

Enquanto eu explicava para este menino. No fundo da sala surge uma discussão sobre outro assunto em tom agressivo. A professora interveio várias vezes, até que finalmente voltamos a atividade.

Peter: Amor.

Bob: Namoro.

Pesquisador: Isto acertou! Oh pessoal ele acertou aqui! Vou marcar um ponto para ele!

Dhiana: Acertou porque o Peter falou para ele!

Bob: Falou da onde guria!

Pesquisador: Bom pessoal, vamos continuar jogando!

Clark: Vamos trocar de lado professor!

Pesquisador: Sim! Agora vamos começar com o outro lado! Está é a palavra.

A menina falou algo bem baixinho que não pude ouvir! Pedi para que ela repetisse. Ela não quis. Mesmo eu lhe dizendo que não teria problema, ela não quis falar. Então, disse para ela falar uma palavra para a colega associar.

Mary: Sexo.

Pesquisador: Lembra o que falei para vocês? Não é para falar o que está escrito no caderno, mas uma palavra que lembre isto. Então, me passa aqui o caderno que vou escrever outra palavra.

Dhiana: Eu disse professor que aqui eram tudo burro.

Clark: Cala a boca guria! Que a mais burra é você.

Pesquisador: Vamos começar pessoal?

Bruce: Paixão.

Bob: Amor.

Pesquisador: Isto acertou. Viram como não é difícil. Vou anotar um ponto para vocês. Agora vamos começar por outro lado. Agora você passa para ele.

Clark: Mudando.

Barth: Mudar.

Pesquisador: Não é! Podem continuar.

Timoty: Mudando.

Dhiana: Diz outra palavra burro.
Pesquisador: Pode ser a mesma se ele quiser. Vai tenta adivinhar!
Fred: Ombro.
Pesquisador: Não é! Pode continuar.
Antony: Transformação.
Pesquisador: Pessoal! Vamos lá! Vocês não entenderam o que eu falei? Não é para ler o que está no caderno é para dizer outra palavra...

Neste ponto, expliquei toda a brincadeira novamente. E recomeçamos.

Homer: Criança.
Pesquisador: Isto ai!
John: Bebê.
Pesquisador: Não é! Mas estão brincando certo!
Clark: Tesouro.
Barth: Pessoa.
Pesquisador: Não é pessoa! Podem continuar!
Dhiana: Jovem. Isto professor?
Pesquisador: Ok! Está certo!
Shaiéra: Adulto.
Bruce: Muito difícil esta palavra professor.
Pesquisador: Será que é tão difícil? Olha só! Desde aqui (indico palavras na lousa) você pode usar. Você pode usar todas estas palavras mais uma e até formar uma frase se você quiser.
Bruce: Hum! Bebê, criança.
Roni: Emoção.
Pesquisador: Ok! Não é essa! Você pode usar as palavras já ditas, estas aqui e uma nova.
Margery: Deixa eu ver! Jovem, pessoa e adolescente.
Bruce: Ihhh falou! Não pode professor! Ela errou!
Pesquisador: Mas qual o problema? Pode sim. É só uma nova.
Bruce: Mas não é adolescência?
Pesquisador: Ai amigo, agora você falou!
Bruce: Mas ela já tinha dito.
Pesquisador: Ele falou Adolescente! Não pode dizer a palavra, mas outras parecidas sim. Ele não poderia ter dito adolescência, mas adolescente não tem problema. Assim! Se a palavra fosse mudança, você poderia dizer mudar, mas não mudança. Entendeu?.. Vamos novamente!
Peter: Casado.
Bob: casamento.
Pesquisador: Acertou.
Bruce: Mas de novo ele falou, professor!

Pesquisador: Vamos continuar pessoal? Tá aqui a palavra!.. O que foi? Não entendeu a letra?

Dhiana: Ela não sabe ler professor.

Lisa: Gravidez.

Bob: Gravidez na adolescência?

Welmar: Grávida.

Pesquisador: Acertou. Está aqui a outra palavra.

John: Prevenção.

Homer: Prevenir.

Pesquisador: Não é esta ainda!.. Pode continuar.

Antony: Prevenção, Cuidado!

Dimi: Camisinha.

Pesquisador: Agora eu vi que ele te soprou. Pessoal pelo jeito vocês não querem mais jogar? Vocês querem jogar mais?

Várias Pessoas: Não!

Pesquisador: Então agora eu pensei em nós mudarmos nosso jogo. Pode ser?.. Agora vamos fazer assim! Uma das pessoas da dupla tem que iniciar uma história com as palavras daqui e outro da dupla tem que continuar a história incluindo a próxima palavra! Entenderam?

Várias Pessoas: Sim!

Pesquisador: Legal! Se entenderam podem começar.

Dhiana: Era uma vez dois alunos que incomodavam a professora... é assim professor?

Professora: Viu só Fábio, eles não prestam a atenção. E depois não sabem fazer.

Pesquisador: Tudo bem, vou explicar novamente, ok?

Explico novamente a atividade, porém a turma fica muito dispersa e pouquíssimos prestam a atenção. A partir deste ponto muitos dados são perdidos, pois existe muito barulho e conversas paralelas, e a transcrição fica muito difícil de ser feita.

Pesquisador: Podemos começar então?

Clark: Era uma vez uma brincadeira bem chata... Vai você meu!

Barth: O que eu falo professor?

Pesquisador: Você tem que contar uma história com a palavra “Beijo”.

Barth: Beijo na boca eu gosto, é coisa do passado.

Todos começam a rir muito.

Pesquisador: Então continua...

Clark: Agora a onda é namorar pelado.

E todos começam a rir muito... Depois de algum tempo...

Pesquisador: Pessoal conversem comigo um pouco! Vocês não gostaram da brincadeira novamente é isto?.. Me digam então do que vocês gostam?

Dhiana: Namorar!.

Clark: Vuco-vuco e dança da vassoura!

Pesquisador: Mas então vamos falar sobre isto...

Começa uma algazarra e várias pessoas falam ao mesmo tempo.

Dhiana: Eu nem sei nada sobre isto.

Pesquisador: É bom conversar sobre um assunto. Porque sempre aprendemos algo sobre ele, não é?

Peter: Ai professor! Vamos fazer isto ai. Deixa quem não quer!

Professora: É Fábio, vamos fazer nós! E deixar eles ai. Os que não querem.

Pesquisador: Ok! Então podemos fazer quem quiser...

Neste ponto alguns adolescentes, todos meninos formam um círculo em torno de mim com as cadeiras a professora também entra no círculo.

Pesquisador: Quer começar?

Peter: Qual palavra professor?

Pesquisador: Amor.

Peter: Um guri e uma menina estavam sentados no banco da praça. E ele disse que amava ela.

Pesquisador: Quer continuar? (Dirigi-me a professora que estava sentada na cadeira subsequente).

Professora: Sim... Eles começaram a namorar e o namoro deles foi bem emocionante!

Pesquisador: Agora você? “Paixão”.

Fred: Era uma paixão de adolescentes.

Pesquisador: “Evolução”.

Homer: E eles evoluíram juntos.

Pesquisador: “Crescimento”.

Bob: E o crescimento de suas vidas.

Pesquisador: “Mudança/Mudar”.

Timoty: Agora não sei mais fazer professor. Ficou difícil.

Pesquisador: Dá uma pensadinha que você consegue... Então começa de novo.

Timoty: Qual é professor?

Pesquisador: “Mudar”.

Timoty: Ai professor eu não sei!!!

Peter: Eu continuo professor... E eles mudaram de casa.

Pesquisador: “Mudança”.

Professora: E está mudança provocou uma transformação no seu relacionamento.

Pesquisador: “Casamento”.

Fred: E daí eles se casaram.

Pesquisador: “Ombro”.

Bob: E caiu com um ombro na árvore. Este é difícil professor?

Pesquisador: Tudo bem! Mas as palavras são de vocês... Agora é “Bebê”.

Homer: E tiveram um bebê.

Pesquisador: “Pessoa”.

Timoty: E as pessoas gostaram muito das crianças.

Havia muito barulho na sala.

Professora: A PARTICIPAÇÃO VAI SER AVALIADA A PARTIR DE HOJE.

Iniciam-se muitas discussões e protestos. O barulho é imenso.

Pesquisador: Vamos continuar pessoal?.. “Jovem”.

Peter: Os alunos dela eram jovens... Assim! Ela era professora e os alunos dela eram jovem e adultos.

Pesquisador: “Ser Humano”.

Fred: Ela dava aula para jovens e adultos e fazia deles Seres Humanos.

Pesquisador: “Adolescentes”.

Homer: Como estava a história?

Neste momento acontece uma briga lá atrás. A professora vai lá separá-los. E Peter resume a história para Homer.

Homer: E os filhos da professora viram adolescentes.

Bob: Eles tinham casado?

...

Pesquisador: A próxima palavra é “Gravidez”.

Peter: Depois de um tempo a mulher dele decidiu ter uma gravidez.

Pesquisador: “Prevenção”.

Fred: E agora digo que ela não se preveniu?

Peter: Mas ela queria ter a gravidez.

Neste momento a mesma briga anterior é retomada e professora acha melhor encerrar minha atividade, porque quer ter uma conversa com os adolescentes. Eu recolho minhas coisas e me retiro da sala.

2.5.4 Quarto Encontro – 26/07/2007

Neste dia ao chegar ao módulo centro, entrei na sala de aula e a professora já se encontrava realizando a limpeza da sala como fazia sempre. Cumprimentei a todos sendo que recebi a replica de forma calma e ordeira. Diferente dos encontros anteriores, um clima de calma e serenidade pairava, não havia bagunça e barulhos exagerados. Os adolescentes demonstravam-se atentos e dispostos a trabalhar. Talvez influenciado por esta tranqüilidade, minha forma de falar na gravação estava muito mais lenta e baixa do que nas anteriores.

Iniciei o encontro combinando com os adolescentes e disse-lhes que gostaria de trabalhar na próxima vez com música. Mediante uma chuva de questionamentos e sugestões sobre o tipo de música, combinei com o grupo que, se concordassem em realizar a atividade com o tipo de música que eu quisesse, reservaria um tempo final para ouvirmos as músicas que eles escolhessem desde que as trouxessem. Todos concordaram e então iniciamos a atividade do dia.

A transcrição da atividade foi realizada a partir deste ponto:

Pesquisador: Bom Pessoal! Eu pensei que hoje nós poderíamos começar com uma história, que eu trouxe e depois podemos discuti-la. O que acham?

Todos concordaram prontamente!

Pesquisador: Alguém quer ler a história? Ou preferem que eu a leia?

Shaiéra: Eu leio professor!

Pesquisador: Ok, pode ler!

Shaiéra: Onde começa professor?

Pesquisador: Aqui onde tem o título.

Shaiéra: “Uma Casa com Cupins!” Uma certa casa foi bem cons...truída. Uma madeira de exc... excelência qualidade... excelente qualidade.

Clark: Lê direito guria!

Shaiéra: Ai professor tá muito difícil!

Pesquisador: Você pode ler com calma e não tem problema se errar algo, volte e leia de novo!

Shaiéra: Ai professor! Não quero mais ler não!

Pesquisador: Mas pode ler com calma, não tem problema!.. Tem certeza?.. Tá bom! Alguém quer ler?.. Ninguém! Ok! Eu vou ler então!

Realizei a leitura do texto na íntegra. Iniciando pelo título.

“Uma certa casa foi bem construída.

Uma madeira de excelente qualidade foi utilizada.

E, embora ela tenha vários anos, ela ainda aparentava ser uma boa casa no seu aspecto externo.

Ela ainda parece forte.

Entretanto, muitos anos atrás, cupins entraram na madeira e agora o problema é sério.

Impossível dizer quando eles chegaram.

Não existem evidências externas de que eles estão trabalhando.

Um dia veio uma tempestade.

Uma grande tempestade, mas não maior do que muitas tempestades que já havia acontecido.

A casa com cupins permanece de pé.

Ela é sacudida por fortes ventos.

As casas vizinhas são atingidas também.

Quando a tempestade passou as outras casas estavam em pé, mas esta casa não.

Inicialmente houve surpresa por a tempestade ter destruído tal casa.

Então, na madeira da casa desmoronada, o trabalho dos cupins foi descoberto.

As colunas estão cheias de buracos.

Agora é fácil ver o que não se suspeitava antes.

A casa tinha, na realidade, se tornado muito frágil.”

Texto Retirado: Manual do Multiplicador:
Adolescente/Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente
Transmissíveis e Aids. – Brasília: Ministério da Saúde, 1997, p.87-88.

Os adolescentes no início da leitura permanecem em silêncio, porém com o transcorrer do tempo começam a se movimentar nas cadeiras provocando fortes ruídos e surgem conversas paralelas. Continuo lendo o texto sem interrupções no mesmo tom anterior, e é retomado o silêncio.

Pesquisador: Então pessoal conseguiram pegar todo o texto?.. Do que fala o texto?

Shaiéra: Fala de uma casa muito velha que tinha a madeira muito velha.

Clark: E a casa que tinha cupins.

Pesquisador: Isto mesmo a história fala sobre isto. Mas o que será que está por trás da história?.. Às vezes quando as pessoas contam uma história elas estão querendo passar uma mensagem com a história, será que tem alguma mensagem neste texto?

Silêncio!

Pesquisador: E daí o que será que tem por trás deste texto?

Shaiéra: O autor!

Pesquisador: Com certeza! O autor foi quem escreveu! Mas o que mais tem por trás?

Silêncio!

Pesquisador: Será que fala só de uma casa?.. Do que mais poderia estar falando no lugar da casa?

Silêncio!

Pesquisador: O que a casa representa para vocês?

Shaiéra: Velha muito antiga!

Pesquisador: Ok pode ser também. Mas o que a casa de vocês representa para vocês?

Shaiéra: Velha muito antiga.

Pesquisador: Ok! Vamos tentar pensar assim, uma outra coisa que vocês tem que pode ser considerada uma casa?

Peter: A escola!

Sheira: Uma moradia.

Dhiana: Ai ta chato professor!

Pesquisador: Ok pode ser também! Mais alguma coisa?

Dhiana: Não professor!

Pesquisador: Ok! A outra atividade que pensei em fazermos hoje! É histórias em Quadrinhos. Que tal?

Todos começaram a se organizar para criarem as histórias. Respondi as dúvidas quanto aos tamanhos dos quadrinhos e os temas das histórias, com a resposta: - não tem regras podem fazer como quiserem! Solicitei que fizessem as histórias individualmente, mas isto gerou muitos protestos, mantive a minha indicação, porém a maioria dos trabalhos foram feitos em grupos.

2.5.4.1 Trabalhos Gráficos Produzidos:

Abaixo consta a transcrição da primeira história em quadrinhos (ver figura 01). Na Capa consta somente o nome da adolescente que confeccionou o trabalho. Em seguida na primeira folha o personagem diz: - *Aí essa é minha casa.* Na segunda folha um dos personagens diz: - *O essa é minha vizinha!* E o outro personagem diz: - *Está sou eu!* Já na terceira folha existe uma casa e sobre ela está escrito: *Esta é a casa dela.* E sob o personagem: *Esta é irmã da Maria.* Na quarta folha está escrita a palavra “mercado” e a fala: *Esse é o Mercado do ROKK. Esse é o mercado.* Na quinta folha diz: *Está é a pracinha de meu bairro.* Na sexta folha o personagem diz: - *Essa é a Flor não mora no bairro.* Na sétima folha está escrita a palavra “fim”.

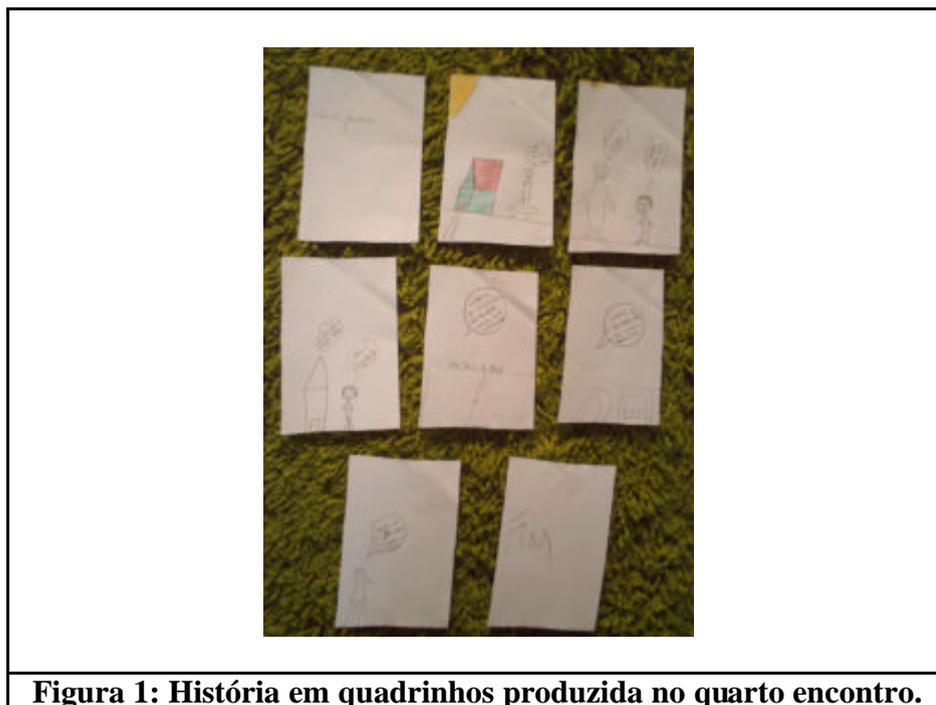


Figura 1: História em quadrinhos produzida no quarto encontro.

O segundo trabalho é intitulado “As crianças nas Ruas”. Em sua capa consta o nome da autora, o ano, idade: 16 anos e o professor no caso o nome do pesquisador. As folhas seguintes contêm o seguinte texto:

“Era uma vez duas crianças que viviam na rua por causa que não tinham família, não tinham casa, não tinham como comer ou como tomar banho. Tudo era difícil pra elas até que um dia uma mulher convidou elas para almoçar na casa dela e as crianças com muita fome foram, colocaram elas no carro e foram. A moça disse também que ai dar roupa para elas. Elas estavam muito feliz. E então uma outra moça sentiu falta das crianças. A moça que também morava na rua. Foi procurar, perguntou para todo mundo se eles viram as crianças que estavam desaparecidas à dois dias. Ela estava apavorada e começava a procurar e mais e mais. E ai as crianças estavam apavorada na casa da moça. Apavorada que elas iam ser seqüestradas, chorando falando que queria voltar pras ruas. E a moça perguntou porque. Mas as crianças não disseram nada com nada, só queriam ir embora mas a moça disse que não. A moça disse a verdade pra elas, que elas foram adotada pro a moça. E elas ficaram felizes porque elas pensaram que elas iam ser vendidas por gente mal. Elas disseram que a única coisa que elas queriam era

mesmo ter uma família. E foi realmente o que elas conseguiram. No fim elas viveram muito feliz. A moça colocou elas no colégio e a moça deu pra elas tudo o que elas não tiveram. Fim”

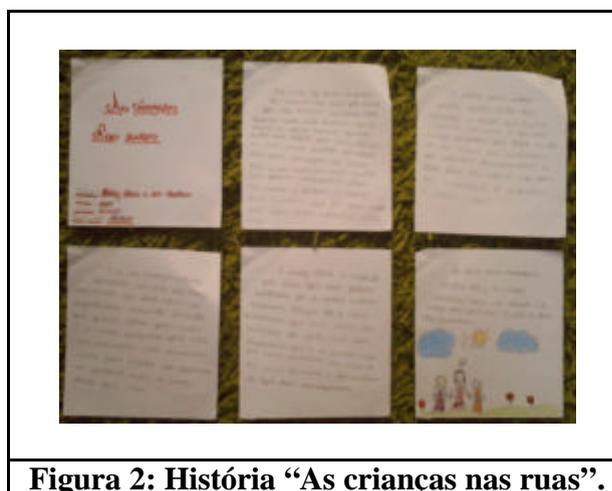


Figura 2: História “As crianças nas ruas”.

O terceiro trabalho é intitulado “*Meu Sonho*”. Apresenta uma única cena onde o personagem diz a seguinte frase: - *É ser um jogador de futebol e ser um... e ajudar as pessoas que não têm necessidade de comer.*

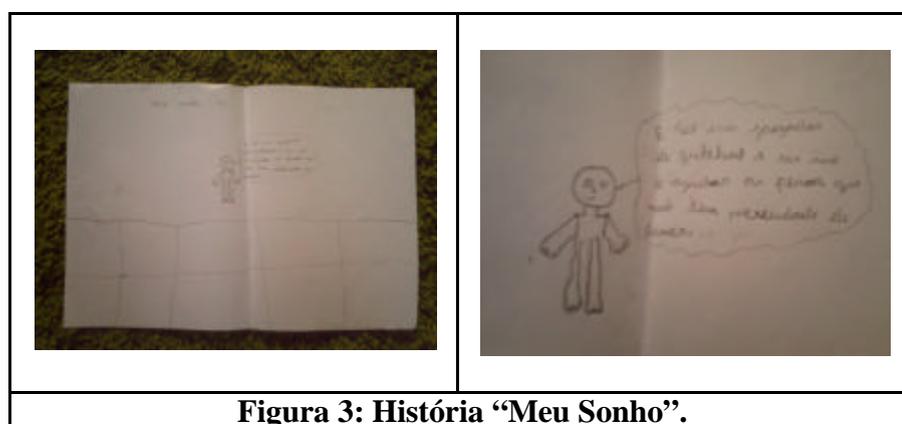


Figura 3: História “Meu Sonho”.

A quarta história é intitulada “*O Menino Bilu:*”. A primeira cena apresenta as seguintes falas:

Personagem 01: Oi, eu sou o Bilu e esse é meu amigo.

Personagem 02: Eu sou o Carlo.

Personagem 03: E eu sou o Paulo.

A segunda cena apresenta a seguinte fala:

Personagem 01: Nos sempre brincamos juntos. Este é minha casa.

A terceira cena apresenta a seguinte fala:

Personagem 01: Gosto de jogar bola.

A quarta cena apresenta a seguinte fala:

Personagem 01: Gosto também de soltar pipa.

A quinta cena apresenta a seguinte fala:

Personagem 01: Eu gosto de tudo... Sou muito feliz.

A sexta cena apresenta o seguinte pensamento:

Personagem 01: As vezes eu vou na festa.

A sétima cena apresenta a seguinte fala:

Personagem 01: Eu sou o Bilu e agora vocês sabem do que eu gosto.

A oitava cena apresenta as seguintes falas:

Personagem 01: Muito obrigado por ter me escutado.

Personagem 02: Tchau.

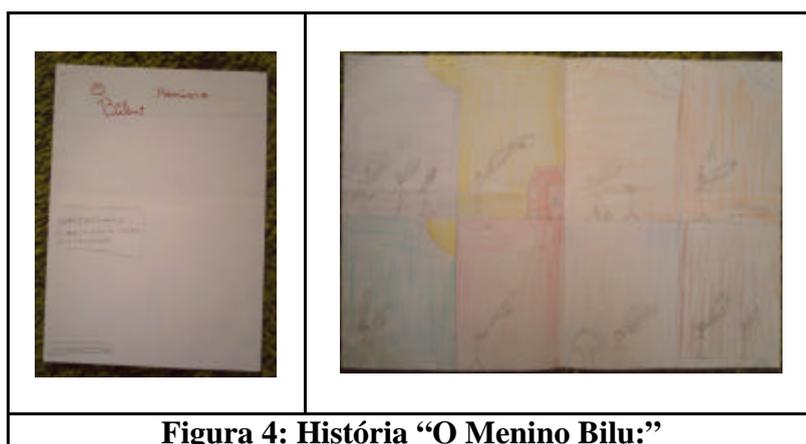
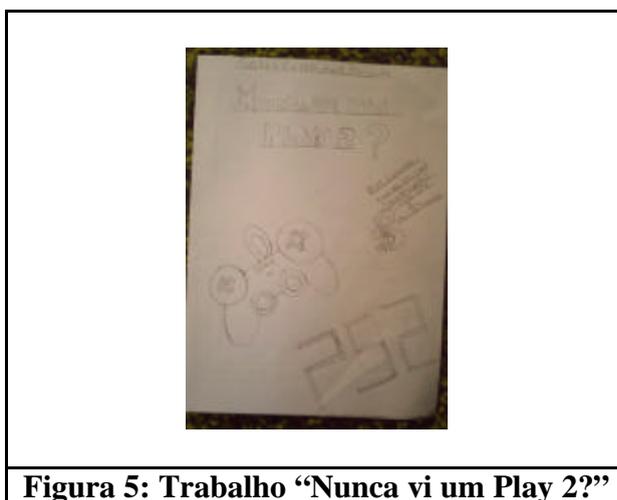


Figura 4: História “O Menino Bilu:”

O título do quinto trabalho é “*Nunca vi um Play 2?*”. Ela é composta somente de uma capa que na parte superior contém a expressão: “*Sony computer presente*”. Em seguida o

título e logo a baixo está escrito: *‘Exclusivo: dicas de DEF I AM FIGHTER FOR NY e muito mais’*.



A sexta história em quadrinhos é chama-se *“O menino que era magro e ficou gordo”*. Na parte superior da primeira cena há a seguinte fala: *“- Bom este menino que estão vendo é magro. Ele precisa de ajuda”*. Na parte superior da segunda cena diz: *“- Num belo dia ele e a mãe dele foram ao médico para ver se resolvem o problema dele”*. A terceira cena apresenta a seguinte fala: *“O médico disse: - Seu problema é que você precisa comer e fazer exercício físico”*. E na parte superior da última cena diz: *“– Então ele começou a comer bastante e fez exercício físico e ficou forte. Fim”*.

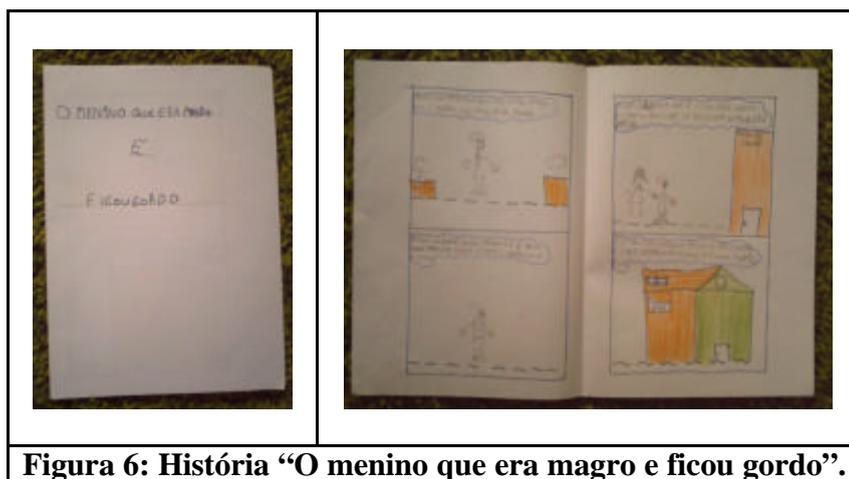


Figura 6: História “O menino que era magro e ficou gordo”.

Na parte superior das quatro cenas da sétima história existe a seguinte narrativa em seqüência: *‘Era uma vez um menino que gosta de sair com os amigos e as namoradas. As meninas queriam muito passear com os meninos. Eles foram no cinema. E depois os meninos foram jogar bola. O menino Tuta fez o primeiro gol na vitória de 2 em cima do Náutico. O técnico Menezes terá o retorno do zagueiro Schiavi para o jogo de sábado contra o AtléticoPR no olímpico as 18h 10 minuto. O menino Carlos Eduardo fechou a placa do jogo em 02 a 0 contra o Náutico. E o time do Mano Menezes ficam na vice-liderança’.*

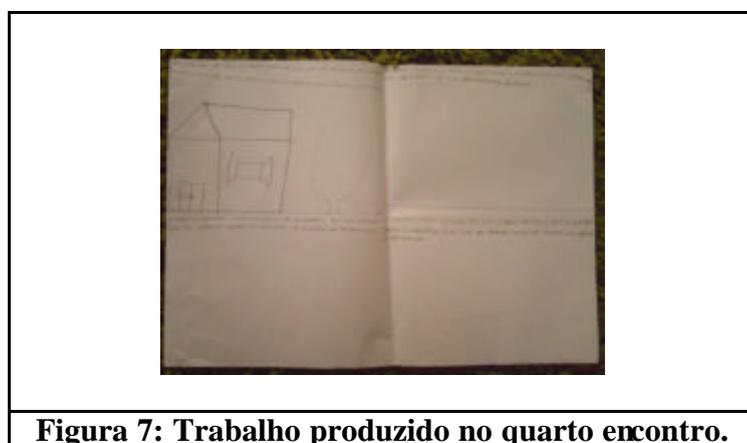


Figura 7: Trabalho produzido no quarto encontro.

A oitava história é chamada de “*O Rap do Bom*”. A primeira cena apresenta as seguintes falas:

Personagem 01: Vou encontrar meu amigo... Eu vou cantar Rap, e ninguém vai me impedir.

A segunda cena apresenta a seguinte fala:

Personagem 02: Cadê aquele cara? Rapa vou começar a cantar a música.

A terceira cena apresenta as seguintes falas:

Personagem 01: Falo mano Alisson ai!

Personagem 02: Ei vamos cantar nossa rapa ta na hora.

Na quarta cena está escrito o nome do autor da história.

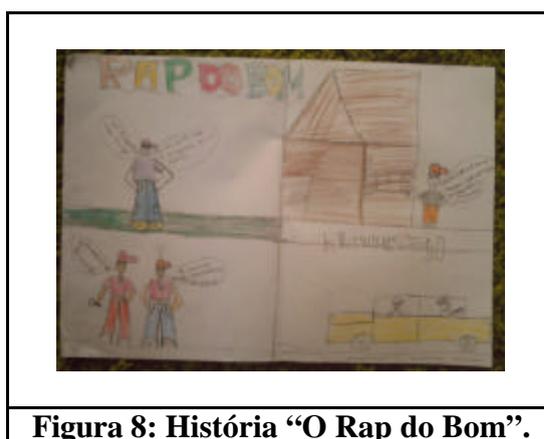


Figura 8: História “O Rap do Bom”.

No nono trabalho primeiramente contém o nome do autor em letras grandes e duas tiras. Na primeira cena da primeira tira o personagem 01 diz: “- *Pai, se a Amazônia é o pulmão do Brasil... Aonde é o intestino?*”. Na segunda cena o personagem 02 responde: “- *Brasília!*”. A segunda tira não contém falas.



Figura 9: Trabalho produzido no quarto encontro.

O décimo trabalho é intitulado “*A Cidade Fantasma*” e não contém palavras a não ser o nome da autora na parte inferior.



Figura 10: Trabalho “A Cidade Fantasma”.

O décimo primeiro trabalho se chama “*A casa Imobilhada*”. Na parte superior da primeira cena há a palavra “*cozinha*”. Na parte superior da segunda cena existe a palavra “*quarto*”. Na terceira cena no centro está a palavra “*hospital*” e a personagem diz: “*Meu filho*”. Na quarta cena não há falas somente o nome das duas autoras.

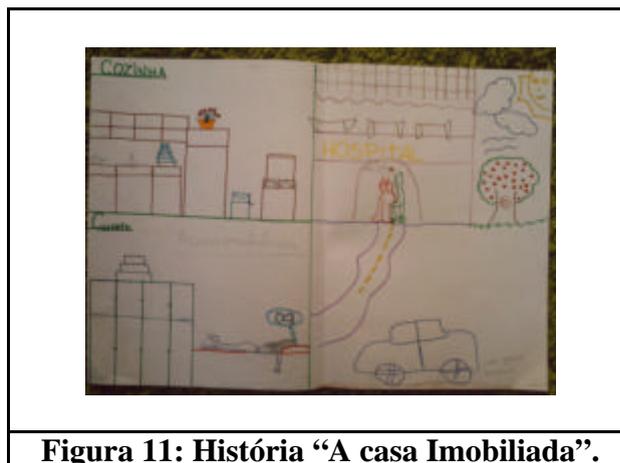


Figura 11: História “A casa Imobiliada”.

2.5.5 Quinto Encontro – 31/07/2007

Ao chegar neste dia os adolescentes estavam fazendo seu lanche como de costume, a professora ainda não havia chegado. Quando me viram os adolescentes começaram a questionar qual seria a atividade. Perguntei se não lembravam, já que havíamos conversado sobre o tema na semana anterior. Eles responderam que não, então lembrei-os que seria um trabalho com música. Em seguida chegou a professora e começou a recolher o lanche. Lembrei-a que utilizaria o aparelho de som, sendo que na semana anterior havia ficado acordado que não necessitava que eu trouxesse que poderia utilizar o do programa. A professora recordou da combinação, porém ficou preocupada, pois não havia lembrado de reservar o aparelho. Concluiu a organização da sala e foi providenciar o equipamento. Neste momento fiquei sozinho com os adolescentes.

A transcrição do encontro é feita a partir deste ponto:

Dhiana: O que vamos fazer hoje professor?

Pesquisador: Lembra que te falei a pouco que vamos trabalhar com músicas como havíamos combinado semana passada.

Bob: Mas pode ser Rap professor?

Clark: Ou Hip-hop ou Funk, Dança da Mótinho!

Pesquisador: Vocês não lembram o que combinamos na semana passada?.. Ninguém lembra?

Shaiera: Que íamos trabalhar com música!

Pesquisador: Sim, e o que mais?.. Lembram que nós combinamos que no início vocês realizariam a atividade com as músicas que eu escolhesse e depois, mais no final vocês poderiam ouvir a música que quisessem?

Clark: Mas professor que música o senhor quer que a gente escute, porque se for sertaneja estou fora!

Dhiana: Pode ser sertaneja sim professor!

Pesquisador: Confiem em mim vão ser músicas bem legais!

Shaiera: Mas diz qual é professor!

Pesquisador: Vamos esperar um pouco que já vem o som daí vocês vão saber, ok?

Dhiana: Ai que chato isto professor!

Pesquisador: Aproveitando que a Dhiana disse isto, já quero ver com vocês. Como estão sendo os encontros, estão muito chatos mesmo?

Shaiéra: Ta bem legal professor!

Pesquisador: Pessoal vocês podem me dizer a verdade, não vou ficar bravo. E vai me ajudar a pensar outras atividades mais divertidas.

Clark: Ta legal sim professor!

Pesquisador: Vamos lá pessoal, acho que não está tão legal assim! E confesso que estou ficando sem opções. Trabalhamos histórias, histórias em quadrinhos, jogamos, tudo bem que o jogo foi meio complicado, hoje vamos trabalhar com música, todas estas coisas me pareceram divertidas. Mas se não foram, tudo bem, mas gostaria de saber para poder pensar em outras coisas. Gostaria até que vocês me sugerissem atividades mais legais.

Dhiana: Não é isto professor é que aqui só todos burros mesmo!

Pesquisador: Olha nisso eu vou discordar! Pelos trabalhos que vocês fizeram até agora eu percebi que vocês têm muita capacidade, e só querer que sai muita coisa legal.

Clark: É isso ai professor! Cala boca guria! (referindo-se a Diana) Tá bem legal sim!

Shaiéra: Eu gostei das atividades professor!

Peter: Olha eu achei as atividades bem legais sim. O problema está no pessoal que não colabora.

Bruce: Puxa saco!

Pesquisador: É a opinião dele! Você pode dar a sua!

Bruce: Não quero não professor!

Pesquisador: Você que sabe! Mas então se vocês não participam, me digam o porquê!

Dhiana: Eu já disse porque são tudo uns burros!

Clark: Cala boa guria! A mais burra aqui é você!

Pesquisador: Calma pessoal! Cada um tem sua opinião!

A discussão continua entre os dois e, em seguida, entra a professora com o aparelho de som... Interrompo a nossa conversa e inicio a atividade.

Pesquisador: Pessoal eu pensei em nós fazermos assim! Vocês peguem uma folha de papel e a dobrem ao meio. Vocês vão usar o lado de dentro e o lado de fora. E fiquem com um lápis na mão.

Shaiéra: Pode ser caneta professor?

Pesquisador: Pode ser sim! Algo para vocês escreverem! Eu vou pedir para vocês escreverem algo sobre cada uma das músicas.

Shaiéra: Escrever o que professor?

Pesquisador: Cada uma delas eu vou dizer o que vocês devem escrever.

Clark: E se nós não gostarmos da música?

Pesquisador: Olha pessoal é impossível agradar todo mundo. Se vocês não gostarem da música, façam a atividade igual, escrevam as coisas que vocês sentirem da música que não gostam. É só agüentar um pouquinho que eu logo vou trocá-la. E também não machuca ouvir um pouco da música que não se gosta?

Clark: Machuca sim professor os ouvidos!

Pesquisador: Bom, então você já vai ter material para escrever na folha... Assim pessoal, não há certo ou errado do que escrever, é o que cada um sentir ok? Então, seria interessante vocês não olharem o que o colega está escrevendo e nem falar alto o que vocês perceberem, só escrever. Pode ser?

Silêncio!

Pesquisador: Todos prontos com a caneta e o papel. Podemos começar?

Respostas positivas dispersas.

Pesquisador: Agora vocês vão usar a parte de fora do papel. Cada música eu vou pedir para vocês escreverem algo sobre a ela. OK? Todos prontos?

Não há respostas. Mas a turma demora muito tempo para se acalmar e se organizar.

Pesquisador: Olha pessoal esta é a primeira música não é em português! Porque vocês não precisam entender o que está sendo cantado. Eu quero que vocês escutem a voz de quem canta e tentem descrever esta pessoa, ok?

Shaiéra: E se nós não conhecermos a pessoa professor?

Pesquisador: Assim! Não é para vocês conhecerem a pessoa, e mesmo se vocês a conhecerem tentem imaginar outra pessoa.

Peter: Mas descrever como professor?

Pesquisador: Como vocês quiserem! O físico como a pessoa é! Como eu falei não tem certo ou errado! Está entendido?

Demora muito tempo para a turma se organizar! E continua muito barulho! Eu coloco a música e o barulho continua. Os adolescentes

começam a descrever as características que vêm na pessoa, e a perguntar o que é para fazer um para o outro. A música continua rodando e o barulho e os comentários sobre o cantor continuam. Muitos não fazem a atividade. A música termina.

Pesquisador: E daí pessoal conseguiram fazer? Quantos fizeram?

Duas meninas levatam as mãos!

Pesquisador: Vocês conseguiram ouvir a música?.. Porque tinha muito barulho ou não?

Enquanto eu perguntava os adolescentes estavam copiando as informações das colegas que disseram ter feito.

Pesquisador: Pessoal é para dizer para os outros o que vocês percebem da música? É para todas as respostas serem iguais?

Várias respostas negativas.

Pesquisador: Então não façam isto!.. Agora esta música não vai ter ninguém tocando, e vocês vão escrever o que ela lembra para vocês: uma situação, uma cena ou um lugar, ok?

Novamente não obtenho resposta, tem muito barulho. Coloco a música para tocar. Os barulhos diminuem significativamente. Pode-se ouvir vozes isoladas falando o que percebem da música.

Pesquisador: Tá pessoal! Não vou mais falar, o que não se deve fazer, porque vocês sabem ou não!?!.. Bom agora a música também é tocada, portanto não tem cantor. Então quem me disse antes que não ouvia o cantor, agora eu respondo, ainda bem que não ouviu, porque era uma música só instrumental como esta... Agora eu gostaria que vocês escrevessem os sentimentos que ela vai despertando em vocês. O que vocês estão sentindo ao ouvi-la!

Clark: Dor, professor!

Pesquisador: Escuta a música se você sentir isto põem no papel.

Coloco a música. O barulho é bem menor e se escutam poucas conversar entre eles. Somente Clark ficava dizendo alto o que sentia com a música.

Pesquisador: Isto mesmo Clark, não escreva fique falando o que sente da música!.. Agora pessoal, esta música vai ter outro ritmo. Descrevam o que sentem ao ouvi-la, ok?

Não há muito barulho com a música, somente o Clark que fica tentando adivinhar de que filme é a música, mas não acerta.

Pesquisador: Pessoal agora colocarei uma música em que há um cantor. Quero que vocês tentem descrever a família do cantor.

Os adolescentes gostam muito mais dessa música. Somente Clark com os mesmos comentários anteriores. Os adolescentes por várias vezes pedem para ele parar de falar e para aumentar o volume da música. Logo depois os barulhos diminuem.

Pesquisador: Pessoal a próxima música, também é só tocada. E eu quero que vocês descrevam algo acontecendo. Clark continua tentando adivinhar de que filme é a música. Mas depois desiste. E todos continuam em silêncio. Em seguida, os adolescentes começam uma discussão e a professora demora algum tempo para amenizá-la.

Pesquisador: Pessoal agora vocês farão a mesma coisa que na primeira música. Vão descrever quem a canta. Clark novamente tenta adivinhar de que filme é a música. Após um breve momento de silêncio, iniciam-se as discussões sobre como seria a cantora da música.

Pesquisador: Pessoal agora vocês vão abrir a folha e no lado de dentro vocês vão escrever uma história. Ai na frente vocês tem vários elementos de uma história. Vocês têm um personagem, tem uma situação, tem sentimentos, tem outro personagem. Estão vocês só precisam organizar estes elementos em história.

Os adolescentes pediram muitas explicações sobre como realizar a atividade. E somente com muito incentivo alguns a realizaram. Estes textos estão transcritos no item abaixo.

Depois deles terem realizado a atividade o aparelho de som ficou a disposição para que escutassem as músicas que escolhessem. Como não haviam trazido suas músicas ficaram por um tempo ouvindo os CDs que continham as músicas da atividade.

2.5.5.1 Transcrição dos Trabalhos Gráficos Produzidos:

Texto 1 escrito à tinta:

“Era uma vez um homem da cor preta, tinha 35 anos. Algum ano depois, ele conheceu uma moça e ficou com ela. Tiveram uma filha. E eles estavam muito felizes. Mais tinha alguma coisa na cabeça que fazia eles sofrerem mais não atrapalhava a vida. De nem a família que era muito feliz, no dia da independência da América eles foram comemorar no baile. Dias depois o filho mais velho se casou com uma moça muito bonita. Eles passaram na frente do cemitério e olharam um barulho de zumbi e ficaram com muito medo. E começaram a correr para fugir do zumbi. Depois de alguns anos eles ficaram felizes para sempre”.

Texto 2 escrito a lápis:

“Um ladrão correndo da polícia. Ele corria por medo. Ele queria fazer uma aventura no deserto e a polícia e cavalaria correndo atrás dele.

Uma família passeando num parque eles com bastante alegria e um baile dante com música lenta e vausa e um show da Retinunsom ela e uma das melhores cantoras do Brasil e todo o mundo ela é morena ela tinha olhos castanhos ela é alta e mora nos Estados Unidos, ela é uma cantora que agora caiu ela estava sem fazer show no Brasil.”

Texto 3 escrito a lápis:

*“O menino estava correndo apavorado pela cidade porque ele foi salva a princesa que tava em cima de um palco é lá estava fazendo um show.
Eles estão sentindo uma emoção.”*

Neste texto (texto 4) a primeira parte foi escrita a lápis e a segunda à tinta:

*“Era uma vez, um homem branco, de cor branca. É alto que gostava de cantar até que um dia apareceu alguém que o ajudou a entrar no palco então ele começou a cantar musica românticas.
Esta história começa com tráfico mortes choros e velas. Tudo começou com a morte de um garoto de 08 anos quando a polícia invadiu e gentes corriam e gentes sentiam ódio e raiva.”*

Texto 5 escrito à tinta:

“Era uma vez, um rapaz que se chamava Lori, ele era o cantor de música românticas e sempre estava alegre, mas ele começou a roubar, e em um dos seus roubos ele se deu mal, teve que correr até não querer mais.”

Texto 6 escrito a lápis:

“Uma mulher que cantava músicas românticas ela é branca alta e magra. Atrás dela tem uma pessoa que ela não conhece e com isso ela esta sentindo medo e alegria, mas logo depois ela encontra uma família unida e feliz e isso a encoraja e lhe traz paz. Essa família ao ver que ela se sentiu melhor a convidou para uma festa que eles iam cantar e tocar, eles dançam e riem mas no final da festa essa mulher tinha que ir embora e isso a deixou triste e a família também.”

Texto 7 escrito à tinta:

“Eram uma vez um homem romântico, sentimental, viajou num sonho muito bonito. Um lugar lindo cheio de árvores. Um mundo aparte que cada pessoa imagina um lugar que tudo pode acontecer. Mas o sonho não é feito só de coisas boas há muita confusão e adrenalina. Nesse sonho ele encontra uma mulher linda alguém companheira e eles partem para uma aventura.”

Texto 8 escrito a lápis:

“Era uma mulher branca alta na base de uns 30 anos e magra perdida em uma floresta tentando achar o rumo de sua casa de repente no meio caminho. De repente no meio do caminho.”

Texto 9 escrito à tinta:

“Um homem vai a um lugar onde é tudo escuro e a atenção total e o suspense ainda mais ele acha uma luz no fim ele acha a família dele curtindo relaxando só na paz. Ele direto parte para uma aventura e nessa aventura todo mundo se divertindo e a família toda cantando e se divertindo no embalo da música depois ele liga o carro e sai com a família todo atenta e todos no mesmo ritmo o filho do homem resolve colocar uma música diferente então a família um pouco lenta e todos no ritmo lento então uma diva da música coloca uma música legal e toda a família curtindo. Fim da história.”

Texto 10 escrito à tinta:

“Era uma vez a polícia ai correr atrás dos ladrão e tinha muito suspense e ação. Derrepente um cara de terror derrepente ele virou um super homem não demorou muito ele trouxe uma mulher nos braços e ele olhava para ela com um olhar de apaixonado olhar de que queria dizer para ela que ama ela muito. Ele a convidou ela a ir a apresentação dele. Ele é delegado e ele tinham um segredo ele era o super homem ficaram juntos para sempre tiveram filhos. Derrepente uma mulher loira chegou nele falando que ama ele e ele disse você está louco eu sou casado tenho filhos e sou muito feliz ele mandou ela ir embora e nunca mais procurar ele que isso é loucura. Fim.”

2.5.6 Sexto Encontro – 02/08/2007

Neste dia quando cheguei a professora já estava organizando a sala. Os adolescentes estavam muito mais calmos e pacíficos. Havia trazido argila para que eles trabalhassem, mas

também havia massa de modelar. Cada adolescente recebeu uma folha grande e deveria trabalhar com a argila em cima deste papel. Houveram algumas resistências quanto a se sujar, porém depois de esclarecimentos de que removeriam a argila com água este receio foi amenizado. Foi passada a seguinte instrução.

Pesquisador: Eu gostaria que vocês, com a massa de modelar ou com a argila, fizessem algum objeto que contasse uma história para vocês. Algum objeto que lembre uma história para vocês. Pode ser um objeto de família que vocês tem em casa ou outra coisa. Ok?

Foi necessário esclarecer muitas vezes o que deveria ser feito durante a atividade. Muitos deles ficaram discutindo o que deveriam fazer. Mas os adolescentes a realizaram individualmente e sem maiores conflitos.

No decorrer da atividade a adolescente que eu chamo de Shaiéra junto com Dhiana vieram mostrar a todos um pênis que haviam confeccionado com argila (Ver figura 29). Pelo tamanho e formas do pênis ele dava a impressão de estar ereto. Esta atitude me pareceu que tivesse a intenção de ser algo agressivo. E realmente a professora reagiu como se o fosse. Os demais adolescentes reagiram com espanto, sarcasmo e risos. Questionei as adolescentes se este seria o trabalho que haviam feito e se queriam me contar a história sobre ele. Porém elas não quiseram e logo o desmancharam utilizando a argila para confeccionar seus trabalhos. Incluindo Dhiana que até aquele dia não havia feito atividade alguma.

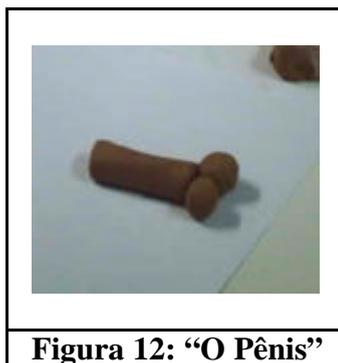


Figura 12: “O Pênis”

Depois dos trabalhos terminados pedi que cada um contasse a história de seu desenho. Mas havia tanto barulho que não consegui transcrever a maior parte dos relatos. Aqueles que foram possíveis estão abaixo.

Pesquisador: E então o que você fez?

Clark: Um barco!

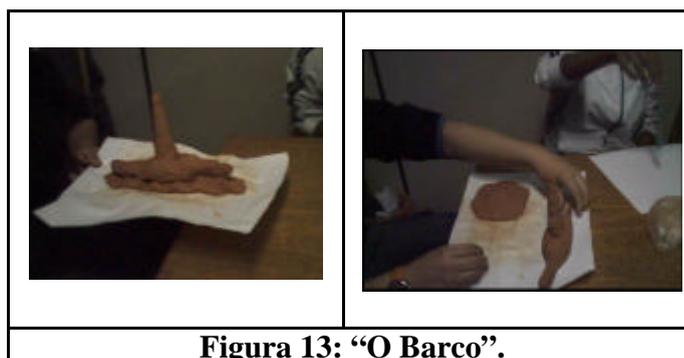


Figura 13: “O Barco”.

Pesquisador: E por que você escolheu fazer um barco?

Clark: Porque me lembra uma vez quando andei de barco e gostei.

Pesquisador: Hum! Que legal! E com você andou de barco?

Clark: Sozinho, eu as piazadas!

Pesquisador: Onde foi?

Clark: Aqui no Guaíba, né professor?

Pesquisador: Legal! Obrigado!

Pesquisador: Shaiéra me explica o teu agora?

Shaiéra: É a arca de Noé professor!



Figura 14: “Arca de Noé”.

Pesquisador: Que interessante! Então me explica as partes do teu trabalho!

Shaiéra: Aqui é as pessoas se afogadas que caíram na água!

Pesquisador: E porque você escolheu fazer isto?

Shaiéra: Porque é a arca de Noé!

Pesquisador: Sim! Mas por que você escolheu fazer a Arca de Noé!

Shaiéra: Porque eu gosto da Arca de Noé!

Pesquisador: E o que você mais gosta nela?

Shaiéra: O Barco.

Pesquisador: Então você gosta de barco?

Shaiéra: Sim! Eu quero trabalhar nos barcos quando eu crescer! Como chama mesmo aqueles milicos de barco.

Pesquisador: Marinha.

Shaiéra: É! Eu quero trabalhar na Marinha quando eu crescer.

Pesquisador: É, e por quê?

Shaiéra: Porque sim professor... Não quero mais falar.

Pesquisador: Ok! Obrigado!

...

Pesquisador: O que você fez aí?

Antony: Um boneco professor!



Figura 15: “O Boneco”.

Pesquisador: Legal! E o que ele representa para você?

Antony: É um garoto brincando com seus irmãos!

Pesquisador: O que isto te faz lembrar?

Antony: Minha mãe ela faz este Bisquiz!

Pesquisador: Legal! Se você fosse me contar uma história com estes personagens qual seria?

Antony: Tipo quando saio com a minha mãe... Só isto!

Pesquisador: Ok! Obrigado!

...

Pesquisador: E daí Bob quer apresentar isto que você fez?

Bob: Nada professor!

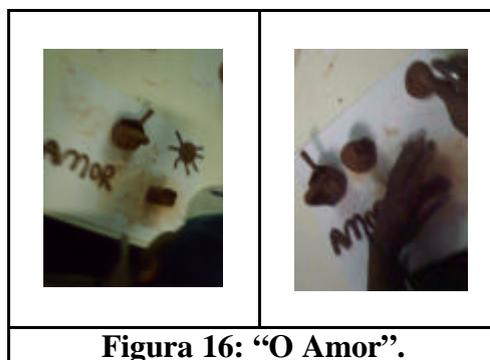


Figura 16: “O Amor”.

Pesquisador: Mas não é nada?

Bob: Nada professor! Mas porque você escolheu fazer isto?

Bob: Ah! Sei lá professor!

Pesquisador: Me conta o que é isto, vai?

Bob: Eu não quero falar professor!

Pesquisador: Ah! Eu só queria saber o que é que você fez?

Bob: Ai é uma casa, um sol, escrito amor e uma panelinha.

Pesquisador: Legal! Olha quanta coisa e por que você fez isto?

Bob: A comida professor! Para fazer comida, a panela!

Os demais meninos começam a tirar sarro dele ter feito uma panela e ele não quis mais falar.

Pesquisador: E você quer me contar o que você fez?

Lisa: Ai eu não quero falar professor!

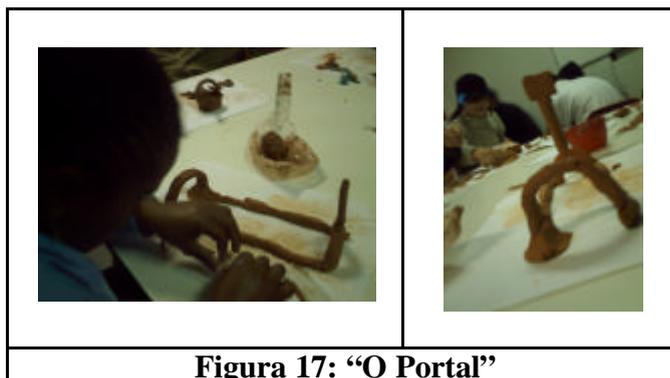


Figura 17: “O Portal”

Pesquisador: E você o que fez?

Margery: Uma paisagem, uma pracinha professor!



Figura 18: “A Pracinha”.

Pesquisador: Que legal! E o que isto te lembra?

Margery: Uma coisa boa.

Pesquisador: Esta pracinha te lembra alguma história, algum lugar onde você ai quando era criança?

Margery: Quando eu era criança não, eu fui conhecer está pracinha agora, aquela ali que nos va mos com o Agente Jovem.

Pesquisador: O que você faz lá?

Margery: Nos brinquedos!

Pesquisador: E que brinquedo você mais gosta de brincar?

Margery: Gangorra.

Pesquisador: E você fez ela ai?

Margery: Não professor isto eu não sei desenhar.

Pesquisador: E isto aqui o que é?

Margery: O diabinho né! Hehehe!

Pesquisador: Hum, e o que ele representa?

Margery: É assim... Eu não desenhei as crianças, né! Mas o diabinho fica ali atentando as crianças.

Pesquisador: Hum, legal!

Shaiéra: Diabinha é ela professor!

Pesquisador: Eu estou falando agora com ela! Quando falei com você ninguém se meteu.

Outros jovens começaram tirar sarro e a menina não quis mais falar...

Pesquisador: E você o que fez?

Bruce: É minha casa professor.



Figura 19: “A casa”.

Pesquisador: Que ótimo!

Bruce: E é uma casa bonita.

Pesquisador: Sua casa é bonita, que legal e você gosta de morar lá?

Bruce: Gosto sim.

Shaiéra: Você mora em uma casa de barro?

...

Pesquisador: E o que você fez?

Dhiana: Um dado professor.



Figura 20: “O Dado”.

Pesquisador: Legal! E por que você fez um dado?

Dhiana: Porque o professor mandou a gente fazer qualquer coisa, daí eu fiz um dado!

Pesquisador: Eu mandei fazer qualquer coisa?

Dhiana: Não mandou professor.

Pesquisador: Eu falei que era para você fazer algo que falasse sobre você que contasse algo sobre a vida de vocês.

Dhiana: Então fiz um dado professor.

Pesquisador: Ótimo! E o que você quer dizer com ele?

Dhiana: É importante na minha vida professor! Porque eu jogo dado professor. Jogo a dinheiro.

Pesquisador: E com quem você joga?

Dhiana: Com meu irmão.

Pesquisador: E qual é a idade dele?

Dhiana: 14.

Pesquisador: Ele te ensinou a jogar?

Dhiana: Ai chega de falar professor.

Pesquisador: Ok! Obrigado!

Havia mais um trabalho, mas as adolescentes que o confeccionaram não quiseram falar.



Depois os adolescentes solicitaram que eu tirasse várias fotos deles, o que fiz. Em seguida havia pensado em fazer uma avaliação dos nossos encontros, mas foi impossível acalmar o grupo que acabou se dispersando e não concordou com a proposta da avaliação.

Desta forma, somente eu falei, agradei e me despedi dos adolescentes e combinei de deixá-los um CD com as filmagens e fotos.

2.6 Análise do Processo:

Esta a experiência foi extremamente rica e singular. Além da grande quantidade de dados, pude reforçar meu interesse pela pesquisa e pelo trabalho com grupos e adolescentes. Considerei que por já ter trabalhado com um grupo de um programa similar poderia entender suas motivações e sentimentos e proporcionar-lhes um espaço de aprendizagem proveitoso, participativo e, principalmente instrutivo.

Ao analisar o processo grupal percebo que minha intervenção promoveu significativas mudanças nestes adolescentes. Mudanças diferentes daquelas que imaginava que aconteceriam, porém em minha interpretação mudanças positivas. Ou seja, as propostas que utilizei considerando que gerariam discussões e construção de conhecimentos sobre determinados assuntos, possibilitaram o “re-pensar” de outros temas e outras situações.

Por muitas vezes, me senti confrontado e agredido, nestes momentos procurei proceder de maneira natural, tentando compreender o que estava se passando. Algumas vezes fui bem sucedido nestas tentativas, em outras nem tanto.

Por mais que alguns dos adolescentes tenham dificultado o trabalho, recusando-se a participar ou não concluindo atividades, vejo a ação destes jovens como um pedido de socorro, que produz o desejo de ouvi-los e ajudá-los.

2.7 Análise das Oficinas:

2.7.1 Contar Histórias:

Contar histórias mostrou-se uma ferramenta útil para a educação em saúde. As estórias foram utilizadas como meio de expressão, elaboração e de aprendizagem e, além do mais, funcionaram como espaço de denúncias. Como se observa na estória confeccionada no primeiro encontro.

Timoty: Todo dia de curso os (dizem os nomes dos próprios garotos que compunham o grupo) vêm a pé lá da Santana e da Azenha (muitas risadas dos colegas). E a professora diz que é pertinho. Pertinho pra ti né professora! Tá loco, mais um pouco eu vou sumir. O cara vem de a pé e não ganha passagem e quem mora bem pertinho ganha passagem e nós que moremos longe não ganhamos. A (nome de uma colega), que mora longe, até vale ganhar passagem e a (outra colega) também que mora longe, na Safira, e a (outra colega) também vale, porque ela mora na Safira, também esses até vale ganhar passagem, mas o resto não tem que ganhar nada tudo moram perto.

Os adolescentes usaram o espaço coletivo de contação de estórias como uma forma de manifestar sua insatisfação e seu protesto. Uma maneira de apresentar uma resistência a um modelo disciplinarizador, e questionar as verdades instituídas. Ou seja, a história foi um instrumento que estes jovens usaram para demonstrar seu senso crítico e denunciar as violências estruturais a que estão expostos.

2.7.2 A realidade nas Histórias:

Nas histórias contadas pelos adolescentes, eles evidenciaram aspectos da realidade social em que vivem. Ao ler a história “*O Filho Drogado*” confeccionada no primeiro encontro, percebe-se facilidade e a familiaridade que estes jovens têm com as drogas, e também o quanto estão cientes das conseqüências de seu uso.

Fred: “A história de um Menino Drogado”. A história começa com um jovem estudante que morava com seus pais numa pobre vila chamada Chocolatão. (Todos riem muito e fazem comentários, o menino continua a ler e todos vão se acalmando) O garoto no outro dia foi convidado para cheirar cola e fuma baseado. O menino pegou a loló e o baseado foi cheirar e fumar escondido. Tal dia então pegou e se viciou. Seus pais descobriram e mandaram internar, mas só que os pais do menino não sabiam que o menino era judiado lá dentro da clínica. Lá na escola ele era um menino inteligente e adorável pelos professores. Os próprios amigos dele falavam que ele tem muita determinação e vontade para vencer, mas só que ele não sabia que as drogas iriam matar. Logo ele viu que começou a emagrecer e ficar muito doente e parou no hospital. Logo depois que saiu do hospital ele parou e pensou em parar com as drogas.

Roni: Parar de usar né? (outro integrante do grupo)

Fred: É parar de usar. Então ele voltou a morar com seus pais e conseguiu largar as drogas e voltou a escola. Acabou.

Esta história é parecida com o filme “Bicho de Sete Cabeças”, os adolescentes a adaptaram a sua realidade, demonstrando temor de que profissionais da saúde possam interná-los e maltratá-los. Demoinstram medo das instituições que deveriam ajudá-los e o sentimento de serem maltratados pela sociedade, quem sabe na própria escola e no programa social que participam.

A história a seguir, também confeccionada no primeiro encontro, fala das dificuldades da adolescência e do medo do futuro. Parece ser um apelo por ajuda, enunciado por alguém

que se encontra perdido, que se sente esmagado pelo mundo. O adolescente sabe que tem pessoas que podem ajudá-lo e clama por elas. Também se percebe que o adolescente expressa na história uma postura individualista, oriunda da sociedade competitiva na qual o vencedor passa por cima de tudo e de todos para chegar lá (no futuro?).

Peter: Acordo de manhã, pego o meu ônibus e no ônibus observo pessoas apressadas e atordoadas. O que será que elas procuram? Procuram um futuro melhor. Esse futuro só é destinado para os que acreditam nele, existem muitos obstáculos, existem pessoas que te ajudam, existem também aquelas pessoas que não vão nem aí pra você. Mas basta nós... basta nós... passar por cima deles e continuar seguindo em frente.

No terceiro encontro é manifestada a crença de que a escola transforma pessoas em seres humanos, de que quem não sabe ler ou não é inteligente ou é um ser de segunda categoria. A história também demonstra que os adolescentes conhecem e confiam nos métodos anticonceptivos para evitar a gravidez.

A história “O Menino Bilu” apresenta um cenário muito mais colorido e conta um pouco dos interesses de seus autores. O ponto mais interessante é o agradecimento do autor no final: “- *Muito obrigado por ter me escutado.*” Este agradecimento demonstra como as histórias são uma forma de expressão que pode fornecer alívio e um repensar de problemas para os adolescentes. Talvez ele agradeça pelo espaço onde pode se expressar e mostrar suas conquistas, mesmo vivendo em um mundo com tantas dificuldades ele busca força, diversão e prazer em coisas simples.

A história “*Nunca vi um Play 2?*”, embora curta, apresenta um elemento contundente de crítica social. Ou uma pergunta que pode ser traduzida da seguinte forma: Você nunca viu

um dos símbolos que representam a adolescência da classe média? Ou seja, mostra a dor em não ter acesso a mercadorias divulgadas como necessidades absolutas para qualquer jovem.

Novamente na história “O menino que era magro e ficou gordo” é exposta a condição social de vulnerabilidade destes adolescentes. O menino magro precisava de ajuda por ser magro e uma das soluções era comer. Ou seja, para que ficasse saudável precisava comer. Parece algo simples, mas fala das necessidades básicas não atendidas destes adolescentes. O gordo e o magro representam a diferença social entre as pessoas de classe social mais humilde e os mais abastados.

A história “A Casa Imobiliada” apresenta um material imagético que mostra a uma adolescente lembrando-se do encontro como o namorado que resultou em um filho. O que chama a atenção é o título da história a palavra imobiliada significando não mobiliada. Ou seja, a menina tem o filho antes de mobiliar a casa, os filhos nascem sem planejamento, ou ainda mesmo que planejado nem sempre a família pode proporcionar o conforto que gostariam de proporcionar para estas crianças.

O sentimento de abandono de estar sozinho no mundo é mostrado na história “A cidade Fantasma”. E na história “o RAP do bom” é uma tentativa de manter uma cultura própria e resistir a uma cultura imposta socialmente.

Já a estória “Crianças nas Ruas” apresenta uma realidade dura de pessoas que estão ou que se sentem desprovidas das condições básicas de subsistência, que tem dificuldade em encontrar satisfação nos aspectos mais corriqueiros de suas vidas. Mas a história também apresenta a esperança de mudança de vida, embora seja uma esperança que está no outro, que vem de terceiros que, em atos de bondade, podem melhorar suas vidas. Ou seja, reproduz uma concepção de assistência social pautada no assistencialismo. A menina apresenta desesperança e descrença tanto nas instituições sociais quanto em si mesma. Novamente pode-se constatar o medo de serem prejudicados por pessoas que teriam a função social de ajudar. E ainda quando

uma das personagens fica com medo pelo desaparecimento das crianças, isto representa os perigos que o estar em situação de rua apresenta.

Questiona-se então que tipo de ajuda os órgãos de assistência social estão promovendo, já que eles estão despertando tanto medo e receio nos usuários, que mesmo sabendo que precisam ser ajudados - serem beneficiados pela ação de tais órgãos - o sentimento de medo predomina. Existe o temor de serem enviados para lugares distantes e maltratados. Sabemos da necessidade de considerar as diferenças sociais e o fato que por vezes as pessoas não compreendem que algumas mudanças podem ser benéficas - que o desconhecido que temem pode ser melhor para elas – porém, ainda assim, podemos concluir que este trabalho de mudança não pode ser baseado no medo e no assistencialismo.

No quinto encontro vários textos foram produzidos. No primeiro deles, novamente aparece a constituição de uma família e o casamento formal. Como em outras histórias aparecem elementos de filmes onde é explorada a cultura norte americana. A história apresenta uma morte perseguidora da qual todos precisam fugir.

No segundo texto aparecem elementos já expressos, como um ladrão que corre da polícia, não por temer ser preso, mas porque tem medo dela. Ou seja, novamente o medo das instituições que deveriam proporcionar auxílio.

Outro menino escreveu uma história que inicia em: *“Era uma vez um homem branco, de cor branca”*. Ele fala de uma categoria homem branco que pode abranger pessoas não necessariamente com a cor da pele branca. Ou seja, pode falar de racismo ou de discriminação que pode afetar pessoas que não descendem de etnias caucasianas, mas que se assumem como brancos. Outro elemento que também aparece nesta estória é novamente uma demonstração negativa com relação à polícia que, neste episódio, é responsável pela morte de uma criança, gerando sentimentos como raiva e ódio.

Outro texto fala da facilidade de acesso que estes adolescentes tem para se envolver em atos ilícitos e do entendimento que possuem de que estes atos podem ser responsáveis pela destruição de suas vidas.

Um menino fala da importância da família e de sentimentos. Outro diz do sonho e esperança; um terceiro conta de uma mulher perdida. Talvez nos dizendo dos sentimentos dos adolescentes, que muitas vezes se sentem perdidos em um mundo que não conhecem, que tem muitas coisas por acontecer, e eles não sabem quais são.

No trabalho a “Arca de Noé” do sexto encontro novamente apresentam o barco. A figura do barco pode representar a transição, um metáfora do grupo que se constitui, um abrigo, uma viagem que o adolescente está fazendo entre o ser criança e a vida de adulto. No caso de Shaiéra o barco está cercado de pessoas mortas, cercado de perdas, de mortes simbólicas. Um elemento que aparece na entrevista é que Shaiéra apresenta um sonho bem estruturado.

2.7.3 Sexualidade:

A sexualidade não é expressa de forma clara em suas manifestações, mas sempre se apresenta de forma velada. No momento em que Clark desenha um pênis no microcomputador, manifesta a sexualidade como algo agressivo e confrontador que não pode ser manifestada abertamente. De qualquer modo, Clark diz que o pênis não era um pênis tratando o fato de tê-lo desenhado como um ato inadequado. Fato também reforçado pela atitude da professora. (Repertórios do primeiro encontro)

Professora: O que é isto Clark?

Em tom de brincadeira o adolescente justifica:

Clark: Estava tentando desenhar o Mickey, professora. Só que está de cabeça para baixo.

O interesse pelas relações sexuais é demonstrado novamente pelos jovens neste ponto. Porém conversar abertamente sobre elas não é interessante, somente quando elas tem uma conotação agressiva.

Barth: Beijo na boca eu gosto, é coisa do passado.

Todos começam a rir muito.

Pesquisador: Então continua...

Clark: Agora a onda é namorar pelado.

...

Pesquisador: Pessoal conversem comigo um pouco! Vocês não gostaram da brincadeira novamente é isto?.. Me digam então do que vocês gostam?

Dhiana: Namorar!.

Clark: Vuco-vuco e dança da vassoura!

Pesquisador: Mas então vamos falar sobre isto...

Começa uma algazarra e várias pessoas falam ao mesmo tempo.

Dhiana: Eu nem sei nada sobre isto.

Pesquisador: É bom conversar sobre um assunto! Porque sempre aprendemos algo sobre ele, não é?

Peter: Ai professor! Vamos fazer isto ai. Deixa quem não quer!

...

Na história do terceiro encontro (transcrita abaixo) e construída coletivamente foi possível perceber mais um dos dispositivos da sexualidade, ou seja, há um consenso entre os jovens de que é necessário ser casado para ter filhos.

Peter: Um guri e uma menina estavam sentados no banco da praça. E ele disse que amava ela.

Professora: Sim... Eles começaram a namorar e o namoro deles foi bem emocionante!

Fred: Era uma paixão de adolescentes.

Homer: E eles evoluíram juntos.

Bob: E o crescimento de suas vidas.

Peter: Eu continuo professor... E eles mudaram de casa.

Professora: E está mudança provocou uma transformação no seu relacionamento.

Fred: E daí eles se casaram.

Bob: E caiu com um ombro na árvore. Este é difícil professor?

Homer: E tiveram um bebê.

Timoty: E as pessoas gostaram muito das crianças.

Peter: Os alunos dela eram jovens... Assim! Ela era professora e os alunos dela eram jovens e adultos.

Fred: Ela dava aula para jovens e adultos e fazia deles Seres Humanos.

Homer: E os filhos da professora viram adolescentes.

Bob: Eles tinham casado?

...

Peter: Depois de um tempo a mulher dele decidiu ter uma gravidez.

Fred: E agora digo que ela não se preveniu?

Peter: Mas ela queria ter a gravidez.

...

Em uma das histórias em quadrinhos do quinto encontro, um novo elemento da sexualidade aparece, o menino como um herói que precisa salvar a princesa indefesa, reproduzindo elementos da cultura generificada onde a mulher, uma princesa, mas totalmente passiva, necessita ser salva pelo homem, não possuindo controle de sua vida e necessitando do homem para ser guiada e orientada.

Uma das histórias coloca a idéia da família como um caminho para salvação, uma luz aparece no fim do túnel. No último texto, dois estereótipos sobre gênero são evidenciados, a mulher que precisa ser conduzida e carregada nos braços de um homem e a mulher que tenta destruir o casamento de sua rival.

No sexto encontro, entra em cena outra vez o pênis de argila indicando o tratamento clandestino da sexualidade, na medida em que ele é confeccionado e imediatamente destruído.

Ele é apresentado como um pênis agressivo, um símbolo já utilizado no primeiro encontro para mostrar que embora não se fale sobre a sexualidade, ela está aí, confrontando-os freqüentemente.

O Barco confeccionado no sexto encontro, quando analisado de perto dá impressão de serem duas pessoas uma em cima da outra sendo que a de cima encontra-se com o pênis ereto. Neste mesmo encontro, no trabalho chamado “a pracinha” há a figura de um diabinho que tenta as crianças, uma representação da sexualidade que fica assombrando as crianças transformando elas em adultos, fazendo-as contrariar tudo que lhe foi ensinado.

2.7.4 Como os adolescentes se percebem?

Os jovens desqualificaram o autodesempenho em atividades que envolviam produções abstratas, categorizações e trabalho intelectual. Esse fato pode dever-se ao desprezo secular das elites brasileiras pelos trabalhos manuais atribuídos aos escravos e, depois da abolição, as camadas populares. O trabalho intelectual sempre foi considerado mais complexo e permaneceu restrito à classe dominante. Assim, pela ideologia que é transmitida às camadas populares, elas não têm capacidade e competência para as atividades abstratas. O êxito destas medidas fica evidente na resposta destes jovens, que se declaram *burros* e incapazes.

Possivelmente a resistência a este tipo de trabalho se deve ao medo de não ter sucesso, de não conseguirem atingir os objetivos esperados, de que realmente sua autopercepção de si mesmo, manifestada várias vezes, pudesse ser confirmada. Seguindo este raciocínio o “jogar bola e assistir oficinas” era mais atrativo por ser uma atividade conhecida, onde o medo de errar ficava amenizado.

Os adolescentes modificavam intencionalmente o tom de voz ao responder a determinadas situações. Expressavam posturas mais agressivas em momentos que suas habilidades não eram solicitadas, mas quando respondiam às perguntas do pesquisador falavam muito baixo, de modo quase inaudível.

Pesquisador: Do que fala a história?

Welma: (Fala algo inaudível)

Pesquisador: Âh? (Como?)

Shaiéra: Nada.

Mostravam medo de errar, mesmo quando lhe era esclarecido não haver uma resposta certa ou uma errada. Inúmeras vezes pediam confirmação do modo que uma atividade deveria ser realizada. Por outro lado, não prestavam atenção nas explicações das atividades, talvez porque se não ouvissem a explicação teriam motivo para a solicitarem novamente e desta forma não se sentirem menos inteligentes. Pode-se observar isto nos seguintes repertórios do terceiro encontro:

Dhiana: Eu também não entendi nada!

...

Dhiana: Ihh! Isto é muito complicado, nós não vamos conseguir fazer.

...

Dhiana: Ai professor vamos parar com isto, que é muito difícil esta brincadeira.

...

Shaiéra: É abacaxi sua anta, eu te fiz sinal.

...

Dhiana: Ai que chato professor!

...

Dhiana: Eu disse professor que aqui eram tudo burro.

Clark: Cala a boca guria! Que a mais burra é você.

...

Dhiana: Diz outra palavra burro.

...

Dhiana: Ela não sabe ler professor.

...

Clark: Era uma vez uma brincadeira bem chata... Vai você meu!

...

Timoty: Ai professor eu não sei!!!

...

Timoty: Agora não sei mais fazer professor. Ficou difícil.

...

Dhiana: Não pode fazer uma dupla de quatro, anta!

...

John: Cala boca guria!

...

Dhiana: Esperto? Aqui são tudo uns burros.

John: Cala boca guria que mais burra que você não tem!

...

Clark: HUUU! È uma burra mesmo!

...

A adolescente Dhiana durante os encontros demonstrava uma atitude transgressora, fazia comentários para atrair a atenção dos colegas, porém nos momentos em que era solicitada, não aceitava o convite.

Pesquisador: Alguém quer ler a história ou vocês preferem que eu a leia? Eu acho que é a forma mais rápida de todos a conhecerem. Alguém quer ler?

Dhiana: Eu acho que é melhor o senhor ler.

...

Em vários encontros, e que eram burros. Eles também negaram a possibilidade de ler em voz alta, articulada pela professora, em que todos teriam que ler (repertório do primeiro encontro).

Professora: GENTE! PARA ALGUÉM LER AS OUTRAS TEM QUE OUVIR!!! ENTÃO NOS VAMOS OUVIR O FÁBIO, OU NÓS VAMOS FAZER UMA LEITURA SELETIVA, CADA UM VAI LER UM POUCO.

Shaiéra: Não professora!

Clark: Tem gente aqui que nem sabe ler!

...

Dhiana: Ai é Psicólogo, oh burro!

...

Outra situação que acontece várias vezes foi desrespeitar os outros e amedrontá-los para que não participassem, bem como desvalorizar suas respostas.

Eles diziam sentir dificuldades para realizar trabalhos individualmente. Uma das histórias, por exemplo, foi iniciada pelo adolescente, porém ele copiou o final de um jornal. Embora a história estivesse boa, o menino não pode continuá-la. Desta maneira evitou errar e o julgamento dos demais que poderiam lhe dizer que ele ou a sua história não eram bons o suficiente.

2.7.5 O meio:

Muitas vezes percebemos que as atitudes dos adolescentes poderiam ser uma resposta ao meio e a forma com que são tratados. A professora do programa usava um tom agressivo e uma modulação de voz alta para falar com os adolescentes, e eles reproduziam este comportamento. Além disso a professora não respeitava o tempo e a individualidade de cada um. Mostrava mais interesse no resultado da tarefa do que no aprendizado alcançado com a execução.

Outra compreensão que os adolescentes têm e que pode ser resultado das suas interações na escola é o fato de acreditarem que as atividades para serem válidas devem ser entregues, como se estivessem sendo avaliados e se não as entregassem não receberiam suas notas.

Outro aspecto presente em outras histórias é a importância da escola, o fato que todos devem estar lá. A escola como uma segunda casa, todas as crianças devem estar na história. Porém em nenhum momento eles manifestam gostar desta escola, ou a importância de frequentá-la porque é importante aprender. Reproduzem verdades coletivas, embora não parecem acreditar nestas verdades ou se sentirem sensibilizados por elas. Manifestam uma atitude de que tem que fazer porque é preciso, mas quando puderem deixarão de fazer.

2.7.6 Avaliação:

No quinto encontro, embora não tivesse sido o último, foi possível realizar uma avaliação das atividades com o grupo. Durante os outros encontros várias vezes os adolescentes realizaram avaliações negativas das atividades. Esse fato foi contraditório, pois no momento da avaliação formal, as opiniões foram diferentes. A maioria das avaliações negativas foram emitidas pela adolescente Dhiana, sendo que imediatamente antes da avaliação formal disse: *‘Dhiana: Ai que chato isto professor!’*

Porém após algumas avaliações positivas dos colegas. Dhiana emite outra opinião responsabilizando o grupo pelo não sucesso, a seu ver, das atividades: *‘Dhiana: Não é isto professor é que aqui só todos burros mesmo!’*

Considero duas explicações para a contradição de Dhiana e do grupo. A primeira vem do fato que avaliar negativamente a atividade serviria como justificativa para um esperado

insucesso por parte dos adolescentes. Ou seja, quando existe outro fator que justifique o não realizar bem algo, a responsabilidade é deslocada do sujeito. Outra razão provém da possível intimidação que uma avaliação formal pode causar. Pois para estes jovens parece muito mais fácil emitir opiniões de forma descompromissada do que assumir seus pensamentos e enfrentar as conseqüências deles. Ou seja, uma avaliação negativa pode ter gerado nos jovens um medo de retaliação de tal atitude, talvez em consonância com outras experiências já vividas pelos adolescentes.

O mais importante é que a resistência apresentada pelos adolescentes sempre se apresenta de forma velada, através de avaliações curtas e descontextualizadas ou ainda através de suas histórias e trabalhos. E isto não acontece somente por falta de espaços instituídos para emitir opinião. Mas por outros fatores, dentre os quais podem estar o medo da punição e o medo da retaliação.